CLIPPING
10º VIDEOBRASIL, 1994

[principais reportagens]

O Dia,. Rio de Janeiro. 0412/1994

Arte em tela pequena

Hoje é o último dia do gratuito festival VideoBrasil no Centro Cultural Banco do Brasil

DIVULGAÇÃO

O vídeo 'Deus por todos', de Roberto Berliner

A poesia não é feita apenas com palavras. Uma imagem pode mostrar muito mais. E quem quiser ver a poesia visual deve se dirigir a Fundição Progresso. Hoje é o último dia para conferir o **Festival VídeoBrasil de Arte Eletrônica**. A mostra de vídeo, com dez anos de tradição em São Paulo, finalmente ganhou sua primeira edição carioca. Entre a mostra competitiva, as retrospectivas e as vídeo-instalações, os espectadores poderão assistir trabalhos em vídeo, animação e computação gráfica. E o melhor: é tudo de graça.

Em cada ano, um tema é escolhido para a mostra competitiva. Desta vez, os videastas tiveram que falar, ou melhor, mostrar poesia. São 37 trabalhos, nacionais e internacionais. Um dos destaques é **Deus Por Todos**, de Roberto Berliner. Gravado em uma convenção cristã, o vídeo mostra anônimos de todas as partes do mundo falando de temas como amaor, sexo e Aids.

Outra novidade que está agitando o evento é a videocriatura, um trabalho de Otávio Donasci. É um enorme boneco instalado no alto do Hotel Othon, em Copacabana. Seus olhos são dois enormes monitores de tevê e ele se articula. O **VídeoBrasil** também promove palestras e workshops com diversos artistas.

A Fundição Progresso fica na Rua dos Arcos, 24/50, Lapa.

Programação de hoje

- Às 15h - Panorama da Poesia Audiovisual na Alemanha
- Às 17h - Mostra Competitiva do Hemisfério Sul - Deus Por Todos (Roberto Berliner), Inferno (Athur Omar) e Flight 101 to no man's land (Diego Lascano), entre outros.
- Às 19h30 - Panorama da Poesia Audiovisual nos Estados Unidos, com sete vídeos.
- Às 20h30 - Performance de Otávio Donasci com as vídeo criaturas

---

Diário do Grande ABC. Santo André, 20/11/1994.

Godard pode visitar o 10º Videobrasil

Cineasta francês ganha mostra de seus trabalhos e pode visitar o festival, que abre hoje e segue até dia 25 em S.Paulo

Divulgação

A produção *Deus por Todos*, de Roberto Berliner: mostra competitiva

Da Redação

A poesia no olhar da arte eletrônica é o tema da décima edição do Festival Internacional Videobrasil, que abre hoje no SESC Pompéia e no Centro Cultural São Paulo. A mostra competitiva de vídeos traz 37 trabalhos selecionados, vindos da América Latina, Austrália e África, além dos nacionais. Nos eventos paralelos, entre retrospectivas, conferências, performances e instalações, todos gratuitos, há a mostra de trabalhos de Jean-Luc Godard, selecionados especialmente para o Videobrasil. O cineasta promete inclusive visitar o evento.

Ao todo são 80 programas, 11 deles exibidos com exclusividade. Este ano, pela primeira vez, o festival ganha extensão no Rio de Janeiro, a partir do dia 29. Em São Paulo, vai até o dia 25. Outra novidade é a produção de um CD-Rom com todas as informações do festival e imagens dos trabalhos e biografia dos artistas, em Português e Inglês.

Além de Godard, outros 26 convidados ficaram de confirmar sua presença em São Paulo. Entre eles Jem Cohen, diretor de clipes da banda norte-americana R.E.M. e Gary Hill, consagrado nome das videoinstalações no Exterior. Nesta parte do festival estarão presentes também trabalhos do espanhol Anton Reixa e do norte-americano Stephen Vitiello.

Os 37 vídeos que concorrem este ano foram divididos nas categorias documentário, ficção, videoarte, experimentais, animação, clipes e videopoemas. Os vencedores levam equipamentos e percorrem o Brasil, EUA e Europa em mostras itinerantes.

CARLOS SERRÃO

10º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL – De hoje ao dia 25, no SESC Pompéia - R. Clélia, 93, São Paulo. Tel.: 864-8544, e no Centro Cultural São Paulo - R. Vergueiro, 1000, São Paulo. Tel.: 277-3611. Grátis. Acompanhe a programação diária no *Roteiro*.

Folha de São Paulo.
São Paulo, 28/11/1994.

FESTIVAL

Éder Santos vence o 10º Videobrasil com 'Janaúba'

Da Redação

O vídeo "Janaúba", do mineiro Éder Santos, foi o vencedor do 10º Videobrasil, o mais tradicional festival brasileiro de vídeo.

"Diástole", da brasileira Inês Cardoso, recebeu o prêmio especial, destinado à melhor proposta de arte eletrônica realizada em formato amador.

Os argentinos Gabriel Yuvone e Pablo Rodrigues venceram na categoria Computer Arts, com o vídeo "Capitain Cardoso", uma alegoria sobre a colonização cultural realizada pela mídia.

Kiko Goifman e Caco de Souza, do Brasil, receberam o prêmio JVC pelo documentário experimental "Tereza", que aborda o cotidiano de uma penitenciária.

Pela primeira vez, o festival acontece também no Rio de Janeiro. Começa amanhã e vai até o dia 4 de dezembro, na Fundição Progresso e na Casa da Gávea.

Em São Paulo, cerca de 4.000 pessoas visitaram o Videobrasil, que aconteceu no Sesc Pompéia e no Centro Cultural entre os dias 20 e 25.

O evento, rebatizado este ano de Festival Internacional de Arte Eletrônica, centrou-se num tema comum: a poesia.

O 10º Videobrasil inclui 12 videoinstalações e quatro performances, seguindo a tendência de exploração de novos suportes pregada pela 22ª Bienal de Artes Plásticas.

A comissão julgadora em São Paulo foi formada por Marcelo Tas (Brasil), Michel Mazière (Inglaterra) e Christine van Assche (França), entre outros.

O Estado de S. Paulo.
São Paulo, 28/11/1994.

Roberta Dab Dab/AE

10º Videobrasil divulga vencedores

A vitrine internacional da videopoesia, o 10º Videobrasil, encerrou sexta com a entrega de prêmios de sua mostra competitiva. Os argentinos Gabriel Yuvone e Pablo Rodriguez com o curta *Capitain Cardozo* (Prêmio Futuris), o mineiro Éder Santos com *Janaúba* (melhor vídeo), o documentário *Tereza* e o vídeo *Diástole* dos paulistas Kiko Goiffman e Inês Cardoso (foto) foram os vencedores do festival iniciado segunda passada. Os premiados fizeram parte da mostra competitiva do Hemisfério Sul, envolvendo 37 vídeos da Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Austrália. O festival continua esta semana no Rio.

Folha de S. Paulo.
São Paulo, 12/08/1994.

Videoarte

Estão abertas inscrições para 10º Videobrasil

Da Redação

Obras em vídeo realizadas após julho de 92 por artistas da América Latina, África, Oceania e Ásia, podem se inscrever até o dia 15 de setembro para o 10º Videobrasil.

O festival acontece de 20 a 25 de novembro em São Paulo. A pré-seleção prioriza obras que tenham uma abordagem poética.

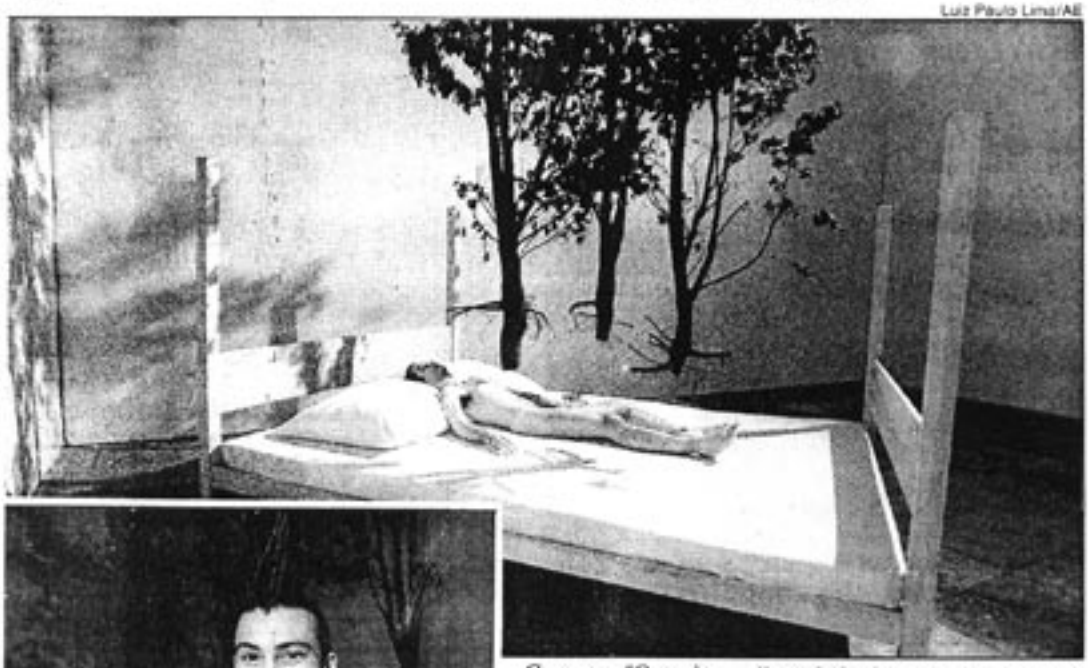
O melhor vídeo ganhará um equipamento para edição digital linear; o melhor trabalho em computação gráfica, uma viagem para a França e viabilização técnica para o próximo trabalho.

No júri, estarão o videomaker Marcelo Tas, o argentino Jorge La Ferla (da Universidade de Buenos Aires), a curadora Christine Van Asche (Centre Georges Pompidou); o diretor inglês Michael Mazière e o Tom Van Vliet, do World Wide Video Festival (Holanda).

Informações podem ser obtidas no Sesc Pompéia (r. Clélia, 93, Pompéia - zona oeste de São Paulo. Tel: 011/864-7969, fax: 011/263-2965)

O Estado de São Paulo. São Paulo, 25/11/1994.

Luiz Paulo Lima/AE



Campos: "O mais difícil não é estar nu, mas ficar imóvel por tanto tempo"

Obra com ator nu causa polêmica no festival

Fábio Campos fala de sua ousada participação na vídeo-instalação de Rita Myers

FABIANA FEVORINI
Especial para o Estado

O ator paraibano Fábio Campos não imaginava que tipo de trabalho iria realizar quando deixou sua terra natal para fazer teatro em São Paulo. Após um ano de curso de teatro com o diretor Antunes Filho, participou de vários curta-metragens e comerciais de televisão até ser selecionado para participar da vídeo-instalação *Resurrection Body*, da americana Rita Myers, que faz parte do *10º Videobrasil*. O evento termina hoje no Sesc Pompéia.

Na vídeo-instalação, Campos representa um moribundo no leito de morte. Fica nu, deitado de frente, sob troncos de árvores que parecem surgir de seu corpo e ligado a um aparelho de eletrocardiograma que registra seus batimentos cardíacos. Em outra cama, menor, 14 pequenos monitores mostram imagens de uma família, que mudam conforme a alteração dos batimentos cardíacos do ator. Durante nove horas por dia (com intervalos de 30 minutos a cada 3 horas), Campos fica imóvel, de olhos fechados, "interpretando". "Já fiz outros trabalhos com nudismo, mas nunca com um contato tão próximo com o público", conta. "O mais difícil não é estar nu, mas ficar imóvel e de olhos fechados por tanto tempo."

Para convencer o público como morto-vivo, além de não se mexer, usa uma maquiagem branca em todo o corpo. "As crianças às vezes pensam que estão diante de um cadáver", diz. "Uma vez, um homem começou a me sacudir e gritar para qué eu acordasse", lembra. "Acho que inconscientemente ele estava querendo me salvar."

O público vai de meninos de rua a idosos tradicionais freqüentadores do Sesc, passando por desavisados funcionários que passam para dar uma olhada na hora do café. "Os adultos se chocam mais do que as crianças", diz. "Uma mulher perguntou ao monitor se não era proibido para menores."

"Achei formidável, tem muita espiritualidade" disse Alzira Guedes, de 81 anos ao sair da instalação. "Mas acho que não deveriam deixar entrar crianças". "Achei muito estranho", disse Vilma Okamoto, de 19 anos. "Tive um impacto quando vi o cara lá".

Espanhóis buscam poesia narrativa

LUIZ COSTA
Especial Para o Estado

Dois expoentes da nova geração de videomakers espanhóis dispensam o rótulo de experimentalismo que marcou a produção européia até o final dos anos 80. Francisco Ruiz de Infante, 31 anos, e Joseantonio Hergueta, 28 anos, apostam na vocação do vídeo para contar histórias, sem apelar para recursos da narrativa tradicional.

Para ambos, o caminho natural do vídeo é o que leva à poesia audiovisual, tema do 10º Videobrasil. "As possibilidades de manipulação de imagens e sons já foram testadas pelas vanguardas eletrônicas", diz Infante. "Só agora se começa a ter naturalidade para lidar com imagens, palavras em movimento e elementos espaciais", completa Hergueta.

Joseantonio Hergueta trouxe a São Paulo a videoinstalação *La Porciúncula*, parte da série *Epistolario*, iniciada em 1991, e a proposta de usar os suportes eletrônicos para buscar "um exercício de sanidade contra o olhar impessoal e apressado do homem contemporâneo".

A trajetória de Francisco Ruiz de Infante prima pela diversidade. Artista plástico, músico e escritor, realizou 21 curtas em vídeo e super-8 em nove anos. Radicado na França, Infante é obcecado por certos temas. Nos seis poemas audiovisuais que trouxe ao festival, a idéia de um tempo perdido (a infância) se funde à culpa (daí a necessidade de esquecimento) e à religiosidade (o medo da morte).

Em *El Reformatorio* (1993), um casal e uma criança estabelecem um falso diálogo: os personagens falam do mesmo assunto, mas nenhuma comunicação é estabelecida, graças a um recurso de edição. "O vídeo não tem vocação para reproduzir a realidade", afirma Infante. "Ele é o território ideal da metáfora".

Correio Popular. Campinas, 22/11/1994.

VideoBrasil traz novidades do exterior

Até sexta-feira, o festival de vídeo está em dois endereços na capital: Sesc e C. Cultural

A 10ª edição do mais importante festival de vídeo da América do Sul ganhou posto novo. Agora o Videobrasil é também Festival Internacional de Arte Eletrônica, dando mais força aos suportes eletrônicos que usam o computador como ferramenta. O Festival começou dia 20 e vai até dia 25, sexta-feira, no Sesc Pompéia e Centro Cultural São Paulo, com 37 trabalhos na mostra competitiva. No Rio, acontece a partir do dia 29.

Desde a edição passada, em 92, o Videobrasil fechou convênio com o Instituto Nacional de Audiovisual (INA), do governo francês, para estabelecer um prêmio à produção experimental em computer arts. Este ano concorrem oito trabalhos. "Muita gente manda vinhetas e trabalhos comerciais, mas a proposta não é essa. Queremos incentivar a criação experimental neste segmento", afirma Solange Farkas, curadora da Mostra. Quem ganhar vai para a França realizar o próximo projeto, com estadia, passagem e produção pagos pelo INA. Faz parte ainda do convênio a exibição de cerca de 16 horas de trabalhos do último Imagina, festival realizado em Monte Carlo.

Um dos principais artistas do setor é o inglês George Snow, que trará sua instalação Motorway para o Sesc. Dentro de uma sala de 90 M2, ele vai montar um cinema de 360, usando uma tela de material translúcido, circular, para onde estarão apontados quatro projetores. O resultado, para quem estiver sentado em um dos quatro confortáveis assentos de uma antiga Mercedes colocadas no centro, é literalmente uma viagem virtual. As imagens se fundem formando uma só imensa janela, onde passarão cenas comuns registradas em anos de estrada por Snow. Depois, ele as editou e mixou com ícones construídos em estações gráficas, criando um mundo de fantasia.

Já a artista americana Rita Myers mistura laserdisc, cenários, um ator nu e monitores de videowatchman, usados em aplicações médicas, em sua instalação Resurrection Body. Em uma cama imensa, ficará deitado o ator, todo ligado a fiações, e sobre ele, uma macieira suspensa. Sobre a cama ao lado, menor e vazia, estará a representação da árvore feita com as câmeras. As telinhas vão transmitir ora as imagens do biofeedback do ator (com medição da temperatura e pulsação), ora cenas arquivadas no laserdisc, com fotos da família da artista.

A instalação é uma homenagem ao pai da artista, que morreu no ano passado, e remete à tela *O Sonho da Virgem*, de Christoforo Simone dei Crocefissi (século XIV), em que o corpo da Virgem descansa em uma cama e dele se eleva a imagem de uma árvore ressecada. Ter presenciado os últimos momentos de vida do pai a inspirou a colocar as imagens monitoradas dos sentidos vitais do ator, lembrando Bill Viola em alguns de seus trabalhos que tratam da essência da vida e da morte.

CD-ROM leva usuário ao mundo das baleias

Relaxe, apague as luzes, acomode-se em uma cadeira em frente ao seu micro e deleite-se com um bom título em CD-ROM. A começar pela sua apresentação - que já é de arrasar -, In The Company of Whales (Em Companhia das Baleias) dá um show de harmonia.

Revistas americanas especializadas em multimídia não poupam elogios a seu respeito.Este CD transforma o seu computador em um verdadeiro oceano Atlântico. Deixe-se levar por esta viagem ao mundo das baleias. Coloque o volume dos seus alto-falantes no máximo e curta os sons nostálgicos produzidos por estes impressionantes mamíferos do mar.

Para começar, vale a pena dar uma olhada na explicação, dada por uma suave e aveludada voz feminina em off, de como navegar pelo programa. Whales in Motion é uma coleção de vídeos disponíveis, para ver as baleias em ação. Um deles, What is a Whale? (O que é uma baleia?), tem cerca de 15 minutos de duração! Rodar qualquer um destes vídeos é sentir-se em uma cabine de submarino.

Ao lado das seqüências de vídeo, há sempre uma explicação sobre o assunto abordado. Como não podia faltar em um CD totalmente interativo, as palavras que aparecem em azul nos textos, estão em um glossário com informações adicionais.

Para estudar estes animais, o título tem outra seção que contém nove tópicos a serem escolhidos. Nestes, os textos são mais aprofundados. Mais de 200 fotografias e desenhos ilustram os temas. Os vídeos relacionados a estes tópicos também podem ser acessados desta seção.

Terminando, tire suas dúvidas com algum dos quatro especialistas em baleias que foram convidados a participar do CD.

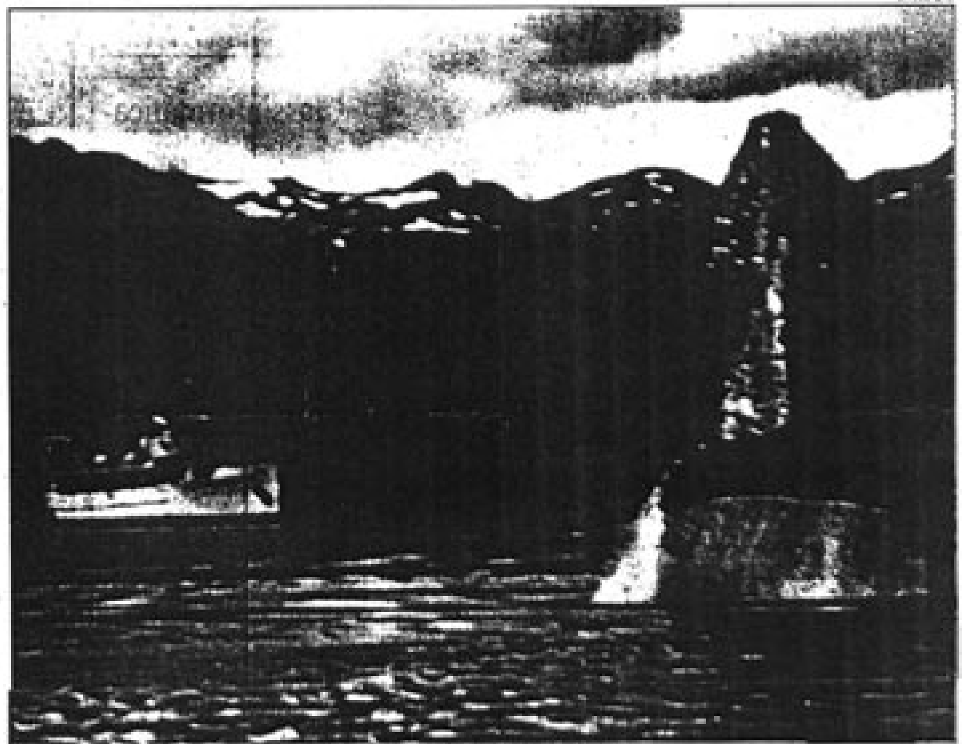
Sinta-se em uma videoconferência: os estudiosos aparecem em vídeo. Roger Payne, por exemplo, quando questionado a respeito da inteligência das baleias, responde que não se sabe muito a respeito, mas que "seus cérebros são muito grandes e complexos".

Payne fez pesquisas sobre baleias por mais de 25 anos. Foi ele quem descobriu que as baleias emitem sons - que podem ser ouvidos no CD -, assim como os cachorros ou pássaros.

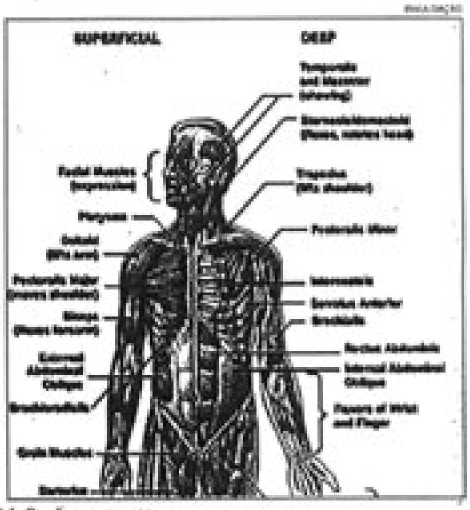
Para rodar o In The Company of Whales, é preciso ter, no mínimo, um processador 386, 4 MB de memória RAM, placa de vídeo, monitor VGA de 256 cores e mouse. Sem uma boa placa de som, o CD perde parte de sua graça. In The Company of Whales, da Discovery Channel pode ser encomendado na Action Mídia por R$ 70,00.

Action Mídia - fone (011) 851.3911

❑ CD-ROM [illegible] 800 megabytes [illegible] programas educacionais [illegible] não podem ler [illegible] gido. Existem [illegible] cos virgens [illegible] ao alto preço [illegible] utilizam grande CD [illegible] Trata-se de uma [illegible] pamentos da ordem de milhões de dólares.



Em Companhia das Baleias *é um conjunto de títulos em CD para se conhecer tudo sobre estes incríveis mamíferos do mar*



Novidades em CD-ROM de fim de ano: games da fuga da guerrilheira de uma ilha e do programa da Clínica Mayo para médicos

Salvando vidas e guerrilheiras na tela

❑ **Guerrilha interativa** Produzido pela Media Vision, o game em CD Critical Path reúne aventura e filme interativo funcionando em ambiente Windows. O jogo é apresentado em um vídeo onde a guerrilheira Kat chega a uma ilha controlada por um general psicopata que derruba seu helicóptero. Para conseguir sair dali, Kat precisa chegar à sala de controle localizada em uma fábrica abandonada, onde se encontra o jogador. Desta sala serão enviados os comandos para a guerrilheira se dar bem em sua aventura. Como auxílio, há um manual (em inglês) feito pelo general que deve ser decifrado pelo jogador. São espécies de charadas que quando respondidas corretamente promovem a mudança de fase do jogo. O Critical Path custa R$ 39.

❑ **Doenças em CD.** Com mais de 100 anos atuando na área médica, a empresa norte-americana Clínica Mayo está enveredando para a área comercial através de CD-ROMs específicos para profissionais do seu ramo de atividade. Mayo Clinic Health é o nome do CD que reúne toda essa bagagem da experiência de sua equipe médica no que diz respeito a tratamentos de doenças do coração, câncer, doenças infecciosas, ginecologia, primeiros socorros, cuidados com recém nascidos, entre outros. Como suporte, o CD apresenta 1.300 páginas de texto, 45 animações e mais de 500 ilustrações coloridas. Além disso, clips de vídeo e áudio completam o Health, que chega ao mercado por R$ 31,50.

Folha da Tarde. São Paulo, 21/11/1994.

Festival mostra o melhor da arte eletrônica a partir de hoje em SP

A décima edição do Festival Internacional Videobrasil traz, além dos vídeos convencionais, exemplos de poesia audiovisual, videoinstalação e performance no Sesc Pompéia e Centro Cultural

O "Festival Intenacional Videobrasil", que começa hoje, completa dez anos, com muitas dificuldades e sucessos. Sua estrutura atual é de fazer inveja a qualquer grande festival europeu.

A programação foi dividida em diversos blocos, cada um deles ressaltando um autor ou uma tendência. As formas convencionais de ver e fazer trabalhos em vídeo foram abolidas. Realidade virtual, poesia audiovisual e outras experiências fazem parte do novo repertório dos videastas mais "espertos".

As performances são intervenções realizadas num determinado espaço, sem necessidade de um suporte estático (telas ou aparelhos). Exemplo disso são as famosas "videocriaturas", seres com rosto de monitor de TV, do brasileiro Otávio Donasci.

Desta vez ele traz o "Videomoita", um boneco inflável de quatro metros de altura, preso no alto do prédio do Sesc Pompéia. O francês Robert Cahen, que veio pessoalmente para o festival, vai mostrar sua instalação "Le Souffle du Temps", onde uma câmera suspensa grava um círculo de velas no chão.

Para quem não tem paciência com essas pirações artístico-tecnológicas e prefere ver mesmo um bom vídeo, o negócio é acompanhar a mostra competitiva. Dos 239 trabalhos inscritos foram selecionados 37 para disputar o Troféu Videobrasil.

São vídeos realizados nos últimos dois anos por países do Hemisfério Sul e os destaques ficam por conta do Brasil e da Austrália.

(Paulo Allegrini)

10º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL

De 20 a 26 de Novembro. Sesc Pompéia (Clélia, 93) e Centro Cultural São Paulo (Vergueiro, 1000). Entrada Franca.

Divulgação

O francês Robert Caben trouxe sua instalação "Le Souffle Du Temps"

Divulgação

'Retrospectiva' traz trabalhos de computação gráfica de última geração

ROTEIRO

Destaques do Videobrasil no Sesc Pompéia: Hoje- 19h30 Mostra Competitiva 1. 21h Panorama França: Godard é um poeta. Amanhã- 18h Panorama EUA: Silence. 19h30 Mostra Competitiva 2. 23/11 16h30 Panorama França: A Narrativa Poética. 19h30 Mostra Competitiva 3. 21h Retrospectiva Videobrasil 2. 24/11- 14h Panorama Alemanha 2. 17h Retrospectiva Rob Rombout. 19h Mostra Competitiva 4. 21h- Panorama América Latina: Uruguai e Bolívia. 25/11- 15h30 Panorama Inglaterra: Digital Dreams. 16h30 Panorama EUA: Music. 19h30 Mostra Competitiva 5. 22h50 Retrospectiva Videobrasil 5. (As videoinstalações e performances serão apresentadas diariamente). Além da programação de vídeos o público terá acesso a uma videoteca com salas para localização e consulta dos trabalhos que compõe o 10º Videobrasil.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24/11/1994.

Festival de audácias eletrônicas

Instalações, performances e até CD ROM são as maiores atrações do 10º Videobrasil

BRENDA FUCUTA

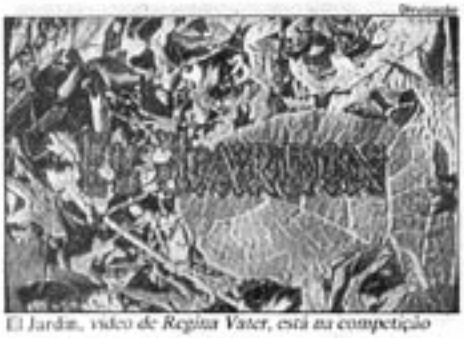
SÃO PAULO — Os convidados estrangeiros do Bienal de Artes Plásticas mal deixaram a cidade e já chegou uma segunda leva de artistas, desta vez para o 10º Videobrasil, festival internacional de videoarte. A décima edição do Videobrasil traz algumas novidades. É a edição mais audaciosa da história do festival, a primeira a se estender ao Rio de Janeiro, e a pioneira no registro da mostra em CD ROM. Desde domingo, o Videobrasil está apresentando em São Paulo 11 videoinstalações no Sesc Pompéia. É a maior mostra deste tipo de expressão artística já realizada no país. "A Bienal deste ano tem apenas quatro, e o próprio Videobrasil mostrou seis na última edição", conta Solange Farkas, curadora do festival.

Rá-Tim-Bum, de *Célia Catunda e Kiko*

As instalações, segundo a curadora, marcam a definição do festival como uma mostra de videoarte e não mais de produções independentes. Para a Fundação Progresso, no Rio, onde a mostra estréia no dia 29, serão enviadas apenas quatro instalações, as do brasileiro Guto Carvalho, do norte-americano Bruce Yonemoto, do holandês Jupp de Jonge e da americana Rita Meyers. Em São Paulo, além dessas, há instalações também dos brasileiros Marcelo Tas, Carlos Nader, do alemão Dieter Kiessling, dos ingleses radicados na Inglaterra Breda Beban e Hrjove Horvatic, do francês Robert Cahen, do inglês George Snow e do espanhol Rogelio Lopez Cuenca. A instalação, que dominou a Bienal Internacional de São Paulo, virou uma febre na videoarte. "Quis mostrar que a luz é violenta e tem materialidade, talvez porque sou fotofóbico", explica Carlos Nader, documentarista premiado em vários festivais e que estréia na instalação com o Videobrasil. Sua sala é um corredor escuro que termina em uma câmara baixa onde uma das paredes contém um abertura que mostra a imagem de uma vela acesa e que dispara um vendaval sobre o espectador. Do outro lado, Nader mostra imagens de um casal fazendo amor. "A luz da vela chega ao olho como se fosse um sopro", diz o documentarista.

Com uma produção que envolve 167 pessoas, o festival conta ainda com a exibição de 32 vídeos na mostra competitiva, 80 na mostra informativa, que traça um panorama da vídeoarte na Espanha, França, Alemanha, Inglaterra, América Latina e Estados Unidos, e um fórum de debates para discutir a conservação da arte eletrônica. "Esta é uma das principais preocupações de quem trabalha com videoarte, porque o tempo de vida do produto acaba aos dez anos, se não houver remasterização", explica Solange Farkas. Há também uma retrospectiva dos dez anos do festival, que a partir da oitava edição passou a ser bienal e de caráter internacional, e do documentarista belga Rob Rombout, a estrela da mostra. O festival será animado com quatro performances. Como não podia deixar de ser, Otávio Donasci, inventor da videoperiferia e freqüentador de carteirinha do Videobrasil, integra o grupo de performers. Desta vez, monta um bonsco inflável de 140 metros quadrados, com olhos, mãos e boca iluminados por leds. Instalado no topo do prédio do Sesc, o bonsco poderá ser vista a quilômetros de distância.

Com obras de autores brasileiros e estrangeiros, o 10º Videobrasil exibe experimentos como Good for all *de Roberto Berliner*



El Jardin, vídeo de *Regina Vater*, *está na competição*

OS DESTAQUES

☐ **Rob Rombout**

O documentarista belga ganha uma retrospectiva de sua obra, considerada uma das mais importantes produções em vídeo do mundo. Professor da Sorbonne, Rombout deu uma dimensão política ao documentário. Seu trabalho costuma ser exibido nas emissoras educativas da Europa. A retrospectiva será exibida em São Paulo e no Rio de Janeiro.

☐ **George Snow**

"Não gosto do termo realidade virtual, mas se é para definir o meu trabalho, esta é a expressão mais precisa", diz o inglês Snow, artista gráfico. Considerado um dos pioneiros da videoarte, Snow mostra uma instalação com imagens de rodovia, feitas em alta velocidade, em 360 graus. O público se senta em bancos de carro, como em um playground eletrônico. A instalação surgiu da fascinação recém-adquirida por Snow na arte de dirigir um automóvel.

☐ **Rita Myers**

Como Snow, a artista plástica americana Rita Myers traz para sua instalação parte de sua vivência pessoal. Em Ressurection body, Myers mostra sua pesquisa com ícones e conta a morte de seu pai, que aconteceu há um ano. A sala mostra um homem deitado em uma grande cama. Ligado a eletrodos, seu ritmo cardíaco determina a velocidade das imagens que Rita fez de seus parentes e que mostra em uma pirâmide de monitores. "Há ainda uma cama pequena, que simboliza a recriação da coisa, a próxima geração e os sonhos", diz ela.

☐ **Breda Beban e Hrjove Horvatic**

Morando na Inglaterra desde 1991, o casal iugoslavo apresenta ao Festival uma instalação interativa. Forrada de vidros quebrados, a sala mostra imagens de uma gilete cortando a linha da vida da palma da mão. "A peça não funciona sem o espectador. Ele tem que andar sobre o vidro", diz Horvatic. A instalação do casal, ela pintora, ele videoasta, pretende lançar uma questão para o público — a de se perguntar se a dor tem uma forma.

O Globo. Rio de Janeiro, 20/11/1994.

Videobrasil começa hoje em São Paulo e põe a emoção em foco

Poetas da tecnologia

JOÃO WADY CURY

SÃO PAULO — O Videobrasil, maior evento de videoarte do país, será apresentado no Rio pela primeira vez este ano, quando chega à décima edição. Os cariocas poderão visitar as videoinstalações de grandes nomes da arte no mundo, como a americana Rita Myers e o inglês George Snow, de 29 de novembro a 4 de dezembro na Fundição Progresso e na Casa da Gávea. O evento passa antes por São Paulo, onde começa hoje no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

— Procuramos reunir artistas já consagrados e iniciantes — informa a videasta Solange Farkas, curadora da mostra.

O tema deste ano é "poesia". Com isso, Solange pretendeu associar a mostra mais a aspectos artísticos do que tecnológicos:

— Queremos que esta edição fique marcada pelo poder de emocionar os visitantes.

O festival terá cinco **performances**, 12 instalações, uma retrospectiva e a mostra competitiva. Um dos grandes atrativos deverá ser o panorama da arte em vídeo de vários países.

Além disso, no Centro Cultural São Paulo, serão realizadas conferências dos curadores internacionais, nas quais serão discutidas questões atuais como o impasse criado pela videoarte: muitas das obras perdem a possibilidade de ser apresentadas após curto espaço de tempo, já que suportes tecnológicos caducam rapidamente.

Divulgação

"God for all", de Roberto Berliner: retrato de cristãos reunidos no Rio

Das 12 instalações que serão apresentadas em São Paulo, contudo, apenas cinco seguirão para o Rio. Solange diz que, neste primeiro ano, o Rio verá apenas uma mostra-piloto.

Entre os brasileiros selecionados para apresentações especiais estão Éder Santos, que fará a **performance** "Postcatidevenum"; Marcelo Tás, com a instalação "A casa dos monstros"; e Carlos Nader, com "Tempo vento morte, luz vento luz". Nader criou uma estrutura linear que obriga o espectador a percorrer um corredor de dez metros, até chegar a uma sala em que se opõem vida (representada por imagens de um casal que copula) e morte (o vento contra o qual caminha cada indivíduo). Ao longo do percurso, o visitante anda contra uma ofuscante luz estroboscópica. Ao chegar ao fim, depare-se com forte vento, incapaz, contudo, de apagar a chama de uma vela representada virtualmente numa tela. Não se trata, contudo, de uma situação de conflito.

— Hoje, pode-se ver um sentido libertador na célebre frase existencialista "a gente vive para a morte". Se o único fim é a morte, todas as possibilidades estão abertas. Sem pessimismo — diz Nader.

Uma das obras já polêmicas é a da americana Myers. Um modelo nu deverá ficar deitado por longo tempo durante sua **performance**. A partir de uma dupla inspiração — a morte de seu pai em 1993 e o quadro "The dream of the virgin" — ela criou "Ressurection body".

> *"Enfatizamos o poder de a arte em vídeo emocionar os espectadores"*
>
> **Solange Farkas, curadora**

— É uma instalação com um homem nu plugado em aparelhos de medição de batimentos cardíacos numa cama gigante. Pendendo acima dele há uma árvore. A seu lado, há uma câmara menor com uma árvore eletrônica, formada por pequenos monitores. Com essa obra, quis traduzir a espiritualidade através da tecnologia — diz Myers.

Entre as atrações da mostra competitiva está "God for all", de Roberto Berliner. Em 38 minutos, ele faz um retrato do pensamento jovem a partir de 66 depoimentos de cristãos reunidos em 1993 num encontro que juntou 500 pessoas de 81 países (em Mendes, interior do Rio).

— Fiz as mesmas perguntas sobre sexo, geração, religião, homossexualismo e racismo. É interessante ver que as culturas locais se sobrepõem à religiosidade — conta Berliner. **(Colaborou Helio Hara)**

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 20/11/1994.

O cinema na fogueira de imagens do vídeo

Os diretores brasileiros, se quiserem se regenerar, terão que passar, num momento ou em outro, pelo inferno da linguagem eletrônica, atando num só laço suas origens e seu futuro

ARTHUR OMAR
Especial para o Estado

Para Ivana

Numa fria noite chilena, aos pés da Cordilheira, eu conversava com o cineasta Raul Ruiz sobre computadores, redes neurais e a semelhança disso com as técnicas para o desenvolvimento da memória do poeta grego Simônides, que viveu em 500 AC.

Entre um gole e outro do vinho Tarapacá, Raul me dizia que era preciso alimentar os computadores com um tipo novo de noção lógica. Algo que, sem perder o rigor matemático, se fizesse funcionar de modo diferente. Os computadores do futuro teriam que fornecer um resultado mais próximo do que seria o almoço constante do nosso dia-a-dia. Deveriam interagir de igual para igual com o usuário, sentir a variações de humor, encontros marcados e pequenos traumas de grandes reconciliações.

Essas novas máquinas não seriam mais controladas por teclados, mouses, ou pela própria voz humana, instrumentos grosseiros, como os computadores de hoje, mas sensíveis às expressões do rosto humano. Pequenos espelhos captariam as menores contrações musculares, as sutilíssimas alterações no brilho dos olhos, interpretando desejos, e enviariam informações lógicas para os processadores internos. Funcionando segundo esse novo tipo de lógica, os computadores seriam capazes de simular e resolver problemas de comportamento do homem e até mesmo atingir regiões da experiência que ainda chamamos de metafísicas. Em vez de construir abstrações, como fazem as máquinas de hoje, elas trabalhariam com dimensões.

...Em Paris, um grupo underground de matemáticos e biólogistas de origens latino-americanas já estaria testando freqüentemente, por exemplo, a lógica do sorriso. Ao fim da história, comentei, jogando água fria:

– "Mas essa máquina já existe. É o cinema!"

De volta ao hotel, percebi que o cinema, na verdade, ainda não realizara bem essa proposta. A câmera cinematográfica apenas registrava obviamente uma série de imagens, que se fixam num filme. Já o vídeo poderia ser encarado de forma diferente, não como mero captador de imagens, mas como produtor de dados visuais, como gerador de informações lineares que seriam mais tarde processadas das mais variadas maneiras, num computador, numa mesa de edição, ou transmitidas à distância, multiplicadas, refeitas, intercaladas, em rede, em jogo, em CD-ROM, ou nos mais variados tipos de documentos. Captado em vídeo, um sorriso vai deixar de ser uma simples fotografia do sorriso, para passar ao ser como sorriso-sem-gato de Lewis Carroll, o sorriso puro, a essência do sorriso, pronto para ingressar lógica no que está à sua volta. Um sorriso interativo, o paradoxo digitalizado. Não é isso que a última aventura de Alice chama-se Através do Espelho.

Foi com esse espírito que sempre usei a câmera de vídeo. De outras para o fotográfico, o bem iluminado, o certinho, o bem composto, o bonito, o publicitário. Junto ao meu corpo, como instrumento de transporte através da realidade, como acumulador de dados, guia de navegação. A alta tecnologia não serviu apenas para permitir os efeitos especiais sofisticadíssimos que apelam para o lado infantil e débil do nosso espírito, mas também para miniaturizar o equipamento a tal ponto que ele pode se tornar uma extensão natural do nosso gesto, e quase invisível. Com uma câmera de pequenas dimensões e altamente eficaz, eu procuro realizar as imagens conforme o preceito de Giordano Bruno: as imagens são o sonho das idéias.

ALTA TECNOLOGIA TORNA MÁQUINAS EXTENSÕES DO CORPO HUMANO

A não ser pela colaboração inestimável do grande Ricardo Miranda na edição, passei a dispensar equipes de imagem e som, para tomar eu mesmo todas as decisões da produção, sentindo a cada momento os menores movimentos dos meus músculos faciais. Nosso espírito, eu gostaria que fosse visto o nosso trabalho intitulado INFERNO, a ser exibido no festival Videobrasil, amanhã, no Sesc Pompéia.

INFERNO se apresenta como um grande ritual em 47 minutos. A tela se transforma numa fogueira primitiva onde os espectadores reunidos vão observar a dança dos seus pensamentos. No princípio era o fogo. Do fogo vão surgindo as imagens. Um boi é esquartejado lentamente, num ritual sangrento de grande dolhicia. Exercícios performáticos carnavalescos e velhos filmes de família são intercalados, compondo uma estética dionisíaca do Brasil. O fogo a tudo consome e regenera. *Corpus* não adere à carne. O vídeo é um fogo. De olhar o fogo nasceu a arte das imagens em movimento. O cinema brasileiro, se quiser se regenerar, terá que passar, num momento ou em outro, pelo inferno do vídeo, atando num só laço as suas origens e o seu futuro.

■ *Arthur Omar é cineasta, videomaker.*

Vincent Gerelli: intercâmbio eletrônico entre tribos distantes e utilização de equipamento como instrumento de afirmação étnica

Arthur Omar, diretor de 'Inferno': autópsia dionisíaca do Brasil

Robert Cahen, da França: videomaniaplão focalizando o artista

A australiana Floride Paskovic

Eder Santos: performance

Televisões e monitores serão pintados pelos mais diferentes artistas brasileiros, africanos, americanos, latinos e orientais

Mídias promovem encontro de saberes e culturas

No universo virtual que é criado, noções de estado e geografia desaparecem

MARCELO DANTAS
Especial para o Estado

Me deparo com a impossibilidade de falar sobre vídeo como algo destacado, na terceira pessoa. Vídeo é aqui, não se mas vídeo. Como elemento central nas relações humanas neste final de século, vídeo é a linguagem dominante para a representação no tempo presente. Não se pode mais falar sobre o que será vídeo, pois não será nada, vídeo já é tudo. O nosso contato com o mundo real hoje é muito mais mediado, ou melhor, do que material. Se é que o mundo real existe.

Na trajetória do vídeo, foi essencial descobrir que era importante se relacionar com o resto da sociedade e com as outras artes para descobrir seu real valor e lugar, digo isso, considerando inclusive vídeo como uma forma de arte. Vídeo é arte, quem diz que não é não sabe o que é arte. Quando vídeo, ou qualquer outra mídia eletrônica se relaciona com arte, se descobre um grande potencial, mas um potencial de se fazer arte e não videoarte, um termo criado para proteger um gueto dos sistemas de valor da arte no sentido amplo. Pensar em videoarte hoje seria o mesmo que pensar em pincel arte.

Existem dois caminhos sobre a ferramenta da experiência videográfica que se mapeia no mundo hoje: a imersão total e a interatividade. A imersão total é reconhecer a existência de todos os nossos sentidos enquanto apreciamos uma obra, pedir endereço e ser atingido da forma mais intensa possível, criando a ilusão de uma virtual realidade (não dizer realidade virtual!). Contar histórias de forma multidimensional, utilizando a escuta e a perspectiva dos sentidos é um dos grandes desafios para o futuro.

A interatividade é a incorporação da ação do espectador e do mundo ao seu redor com a ação da imagem. Isso não quer dizer multiplas escolhas, isso quer dizer principalmente a criação de uma estrutura aberta de narrativa, onde o potencial de criação se apropria de elementos em tempo real como a resposta dos espectadores, as condições climáticas, espaciais, sonoras, de luminosidade ou quaisquer outros setores abertos a intervenção e variação.

DADOS VIRAM SINÔNIMO DE MATÉRIA

O grande potencial das mídias eletrônicas está em entender que hoje existem mais alfabetizados em mídia do que alfabetizados em letras. Com isso em mente e diante da revolução digital que o mundo está passando, onde todas as facetas da sociedade estão sendo digitalizadas e se integrando a uma nova ordem da informação, há a oportunidade de se criar uma nova gramática para a comunicação e para a expressão artística. Essa nova ordem pode ser chamada de Mediasfera.

Assim como na Renascença, foram as grandes navegações, nos anos 60, a vez à lua, a midiasfera é a nova fronteira do descobrimento exterior. A Midiasfera é o ambiente em que todas as mídias setoriais, o universo virtual onde informação é matéria. Nela as noções de estado nacional, geografia e origem cultural são substituídas por grupos de interesse e um sentido babélico global. O mais interessante dessa midiasfera é a contaminação causada pelo contato entre culturas e saberes diversos, num espaço onde tudo pode ver e ter o mesmo valor.

A contaminação é essencial para o florescimento de um novo código para as artes, na cultura ocidental pouco sabemos sobre como conversar com o corpo, como massagear o ritmo essencial da vida, como pensar de forma não linear. A criação desse código pode representar uma ruptura na cultura contemporânea, uma espécie de renascimento, onde o sentido da descoberta possa ser redescoberto.

A instalação de Carlos Nader, *O Tempo É a Vesão Mortu*, em exposição no Videobrasil, é um bom exemplar do resultado desta contaminação. Uma experiência sensorial aberta pela simbologia universal de uma vela, que, mesmo diante do mais intenso vento, recusa-se a apagar. Essa chama acesa diz muito a respeito da binacionalidade dessa nova cultura, imune aos ventos do mundo real, e provida de uma existência virtual própria.

O destino do vídeo é deixar de ser reconhecido como tal. Como já disse Bill Viola: "O destino de toda tecnologia é tornar-se invisível".

■ *Marcelo Dantas é videomaker, programador da Magnetoscópio, no Rio, e autor do documentário 'Processing the Signal'.*

O videomaker Marcelo Dantas: "O destino do vídeo é se tornar invisível como toda tecnologia"

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 20/11/1994.

Mostra de arte eletrônica abre hoje em SP

Até o dia 25, o Videobrasil vai exibir 37 obras, selecionadas entre 239 títulos, no Centro Cultural São Paulo e Sesc Pompéia, além de onze programas e participação de 27 videomakers de diversos países

Wim Wenders desembarcou no último Festival de Veneza na dupla condição de autor do curta *Arisha, der Bär und der Steinerne Ring* e presidente da Academia Européia de Cinema. O curta passou na seção *Finestra Sulle Immagini*, a Academia patrocinou o simpósio *Novas Tecnologias*, uma das atrações da 51ª Mostra de Arte Cinematográfica. Técnicos, artistas e teóricos de todo o mundo foram ao Lido discutir o impacto das novas tecnologias sobre o cinema, que se prepara para comemorar o primeiro centenário.

Wenders foi um dos primeiros a compatibilizar a estética do vídeo com a estética do filme. *Arisha* contrapõe imagens em vídeo com imagens em 35 mm. Wenders fez a sua autocrítica. Na época de *Nick's Movie*, quando documentou a agonia de Nicholas Ray, ele comparava o vídeo ao câncer que corroía o porta de *Juventude Transviada*. O cinema era o organismo saudável, o vídeo era o câncer que [illegible]. Na *Viagem ao Fim do Mundo*, o narrador também compara as imagens de vídeo do final a uma doença. Hoje, Wenders admite que talvez tenha se equivocado. "Sem dúvida", disse ele, "estamos assistindo a uma desintegração das imagens". O vídeo e, em especial, a alta definição desempenham um papel importante no processo. Mas ele não está mais seguro de que sejam o câncer do cinema.

Neste domingo começa em São Paulo o 10º Festival Internacional de Arte Eletrônica. O Videobrasil é o maior evento da área de vídeo no País. Vai até dia 25 no Sesc Pompéia e Centro Cultural São Paulo, com onze programas diferentes e a participação de 27 videomakers do Brasil e do Exterior. No Rio, acontece de 29 a 4 de dezembro na Fundição Progresso e Casa da Glória. Um dos artistas convidados mais famosos é o francês Robert Cahen, que vai mostrar a instalação *Le Souffle du Temps*. Como o título indica, ele trata do tempo. Cahen partiu de uma constatação simples. Uma festa de aniversário de criança. Quando as velas são sopradas, apaga-se o que ilumina a festa. Fez uma instalação — a segunda de sua carreira — usando velas.

Cahen é um videomaker muito especial. Admite que, tudo o que sabe, aprendeu no cinema. Mas não faz cinema. Faz vídeo, porque seu método narrativo não é convencional. Não conta histórias com começo, meio e fim como as do cinema. Acha que o vídeo é o suporte ideal para suas pesquisas de linguagem. Peter Greenaway também trafega entre cinema e vídeo. Mas — também em Veneza — admitiu que sua estética está tomando novos rumos. Depois de filmes e vídeos tradicionais, e de filmes que fundem as duas estéticas, Greenaway se encaminha para o filme sem câmera.

FESTIVAL REVELA NOVAS TENDÊNCIAS E PROMOVE CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS MULTIMÍDIAS

No vídeo *Stairs*, atração em Veneza, documenta uma experiência em Genebra. Criou plataformas de observações espalhadas pela cidade. Pequenas escadarias — quatro, cinco degraus — levando a um patamar com uma janela. Lá, o observador era livre para formar seus enquadramentos. Na décima edição do Videobrasil, nem Wenders nem Greenaway estarão aqui. Mas é pouco provável que suas propostas e discussões passem despercebidas. Mais do que uma mostra competitiva de vídeos, o Videobrasil é hoje um palco para circulação de idéias. E se até Wenders acha que o vídeo não é mais o câncer do cinema, nada melhor do que aproveitar a oportunidade para discutir o que é, afinal de contas, o vídeo. De um total de 239 títulos inscritos, 37 foram selecionados e concorrem aos prêmios. (*Luiz Carlos Merten*)

Cena de 'Dabej Itam', de Carlos Trilnick, um dos representantes do Brasil, baseado na obra de Borges

Vídeo, oráculo pós-moderno

A linguagem eletrônica ainda não foi decifrada pelos nossos olhos contemporâneos

Devora-me ou te devoro. Embora ainda desprezada enquanto manifestação artística, a linguagem eletrônica é bem mais que uma corruptela do cinema, bem mais que uma telinha faiscante, com textura granulada, que vive fazendo cócegas nos olhos das pessoas, como acusou Fellini em momento de falta de distanciamento histórico e ilógico reacionarismo. O vídeo também não é o corrompido Caim pronto a exterminar seu irmão Abel, no caso o cinema, como escreveu Godard em uma das seqüências de *Salve-se Quem Puder — A vida*.

A linguagem eletrônica é uma espécie de oráculo ainda indecifrável para os nossos olhos contemporâneos, devorando, de maneira imponderável, tudo que encontra pela frente. O cinema hoje não passa de um celeiro de histórias, uma literatura de massa sempre com tendências naturalistas. Vídeo é linguagem audiovisual como a chamada "sétima arte", mas um espaço de criação totalmente diferente. Cinema é luz projetada sobre uma tela; vídeo é luz que se irradia em imagens se acendendo e desaparecendo diante dos olhos de quem assiste.

SUA POESIA É UM MISTÉRIO QUE TUDO DEVORA

A abrangência da linguagem eletrônica transcende a amplitude do horizonte cinematográfico, transbordando para além das fronteiras difusas do universo artístico. O vídeo se espraia para o campo da ciência, iluminando a gênese do ser humano nas prosaicas consultas de gestantes nas salas de ultra-sonografia; clareando os mistérios do cosmos por meio de satélites espalhados pelo sistema solar. Acoplada à informática, suas possibilidades cresceram de maneira assustadora.

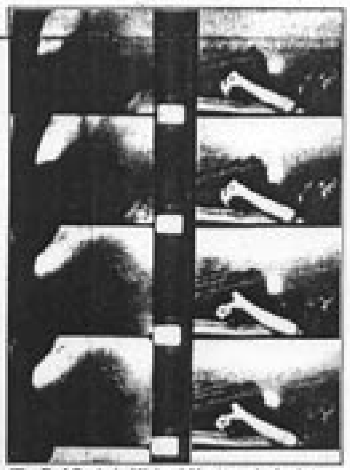
Vídeo é arte, é ciência, televisão, publicidade, jornalismo, clips, videoarte, performances multimídias, high definition TV, um embrulho de buscas estéticas que tão bem traduz, de maneira caótica, digamos, de passagem, o impasse de tantos criadores pós-modernos, órfãos de tantas vanguardas do passado e caminhando sobre um campo de estilhaços revolucionários. Vídeo é mosaico, painéis de monitores, circuito interno em lojas e bancos, uma revolução de costumes que vem transformando a vida das pessoas. Uma revolução tácita e quase imperceptível. Casamentos, festas de aniversário, homenagens, encontro de amigos, enfim, as comemorações estão sempre sendo filmadas em vídeo. E as pessoas se espelham e repensam as suas vidas nas televisões, revêem momentos emocionantes, evitam repetições de problemas, contratempos, irradiando um outro lado de suas próprias personalidades que dificilmente viria à tona se não fosse pelo vídeo. Diante da própria imagem, as pessoas se transmutam, como tão bem mostrou Steven Soderbergh em *Sexo, Mentiras e Videotape*. A linguagem eletrônica se tornou um imenso divã coletivo ao alcance de muita gente.

Vídeo é locadora, são títulos e mais títulos, é a possibilidade de se estudar, indo e vindo, seqüências previamente desenhadas como, por exemplo, a do assassinato de Janet Leigh em *Psicose*, de Hitchcock. Vídeo é o talento dramatúrgico de Quentin Tarantino, ex-funcionário de uma videolocadora. É o barateamento do ato de filmar, novas texturas audiovisuais, uma infinidade de efeitos especiais à espera de um grande dramaturgo capaz de utilizá-los dramaticamente.

O tema do 10º Videobrasil, mostra que já se consagrou no cenário internacional, é a poesia eletrônica. Uma poesia avassaladora, que já começa a deixar de ser devorada pelo preconceito dos mais puristas, para que finalmente sejam decifrados os inúmeros desafios artísticos deste oráculo pós-moderno. (*Evaldo Mocarzel*)

'Flight 101 To No Man's Land', da Argentina

'Saint-Ex', selecionado para a mostra competitiva



'The Red Sea', de Michael Maziere, da Inglaterra

A videomaker Sandra Kogut, sempre inovando

Cena de 'A Arca dos Zo'é', de Vincent Carelli

'Motorway', videoinstalação de George Snow

Realizadores comemoram 20 anos de produção

Atividade no País começou após festivais promovidos em 74 no Rio e em São Paulo

ARLINDO MACHADO
Especial para o Estado

Este ano comemoramos simultaneamente dez anos de Videobrasil e vinte de vídeo no Brasil. De fato, se considerarmos como marcos de nascimento do vídeo brasileiro as mostras promovidas em 1974 no Rio e em São Paulo, respectivamente pelo Museu de Arte Moderna e Museu de Arte Contemporânea, já estamos vivendo a segunda década de uma história tão rica quanto pouco conhecida no panorama da cultura brasileira.

Mas as comemorações não param aí. O grupo pernambucano de vídeo popular TV Viva também está completando dez anos de vida. E poderíamos comemorar os 15 anos de produção do mais original videomaker brasileiro, o gaúcho Rafael França, se a Aids não o tivesse apartado de nós tão prematuramente.

Os ecos dessa história já se fazem sentir. O Videobrasil se impõe hoje como uma das mais importantes mostras de vídeo de todo o mundo e como vitrine internacional da produção brasileira e latino-americana. O mineiro Eder Santos conseguiu tornar-se o primeiro realizador brasileiro a ter sua obra distribuída internacionalmente pela Electronic Arts Intermix, de Nova York. Sandra Kogut causou tal impacto com seu Parabolic People que as revistas Chimaera (francesa) e Video Cuadernos (argentina) dedicaram cada uma delas um número especial exclusivamente ao exame da obra da realizadora carioca.

Nos EUA, a severa National Gallery of Art, de Washington, abriu espaço no mês passado para uma mostra da atual produção brasileira de videoarte. E a mitológica The Kitchen, de Nova York, palco de importantes acontecimentos no terreno das mídias eletrônicas, prepara uma retrospectiva do nosso melhor vídeo para mostrar em janeiro do próximo ano.

Yes, we have vídeo art. Da primeira geração de artistas plásticos que se apropriaram do vídeo nos anos 70 — José Roberto Aguilar, Anna Bella Geiger, Letícia Parente, Sônia Andrade e tantos outros — à geração mais politizada dos anos 80 — Tadeu Jungle, Walter Silveira, Pedro Vieira, Aurélio Michiles, Marcelo Machado, Fernando Meirelles, Paulo Morelli, Renato Barbieri, Marcelo Tas, João Moreira Salles, Roberto Berliner e tantos outros — há uma longa história a ser contada de invenção de uma linguagem, de discussão do Brasil e de sua cultura e imposição de um meio de expressão que a inteligência da época então considerava "menor".

A última geração de videomakers brasileiros não representa propriamente uma virada radical do estilo, forma e conteúdo em relação às outras duas fases já vividas pelo vídeo. Na verdade, os nomes que se impuseram nos anos 90 tiram proveito de toda a experiência acumulada, fazem a síntese das outras duas gerações e partem para um trabalho mais maduro, de solidificação das conquistas anteriores. A maioria dos representantes desta nova geração vem do circuito do vídeo independente, optando por um trabalho mais autoral, menos militante ou socialmente engajado. Percebe-se também nesta última geração um afrouxamento das preocupações locais, a fixação em temáticas de interesse universal e um diálogo mais direto com a produção videográfica internacional.

Dentre os nomes que se estabilizaram na safra mais recente, podemos citar em primeiro lugar Eder Santos, autor de uma obra fértil de conexões ao gosto [illegible]. Sandra Kogut, por sua vez, parece exprimir as tendências mais inovadoras da arte do vídeo, ao mesmo tempo em que radicaliza o processo de eletrificação da imagem iniciado por Nam June Paik. Os paulistas Walter Silveira e Arnaldo Antunes, poetas emergidos do movimento da poesia concreta, caminham na direção de uma proposta multimídia. A grande surpresa, porém, foi a adesão de dois importantes cineastas experimentais, os cariocas Arthur Omar (que trouxe ao vídeo noções de instabilidade dramática e supremacia da trilha musical) e Júlio Bressane (que enfrenta o desafio de repensar em meios audiovisuais as Galáxias de Haroldo de Campos).

Novos nomes despontam também: Carlos Nader, Lucas Bambozzi, Lucila Meirelles, José Santos, Henri Gervaiseau, Kiko Goifman, quantos mais? Eles certamente sustentarão às próximas gerações que o vídeo veio para se constituir como um dos principais instrumentos de expressão deste final de século.

■ *Arlindo Machado é professor de semiótica do Depto. de Pós-graduação da PUC.*

Revista da Folha. São Paulo, 20/11/1994.

VÍDEO

Cena de "Janaúba", de Éder Santos

Começa hoje o 10º Videobrasil

Começa hoje às 19h no Sesc Pompéia o 10º Videobrasil, que acontece também no Centro Cultural São Paulo. Com uma programação intensa de performances, seleções especiais, conferências e videoinstalações —além da mostra competitiva—, o festival mapeia as novas direções da produção na área.

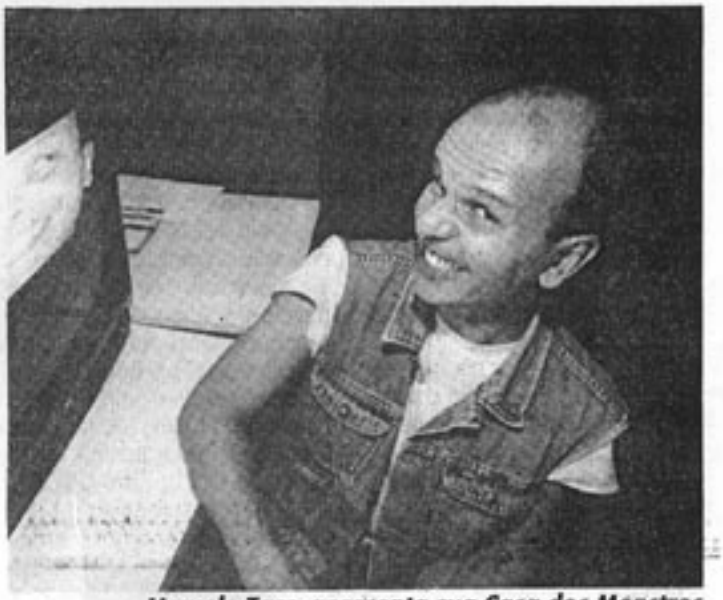
Parte significativa dos trabalhos foram selecionados de acordo com um critério que privilegiou a pesquisa poética. A mostra "Panoramas da Poesia Audiovisual" é dedicada à evolução do gênero na Alemanha, América Latina, Estados Unidos, França e Inglaterra. O tema também amarra a mostra competitiva, com 37 vídeos produzidos no Hemisfério Sul.

A produção de ponta estará representada por quatro performances —assinadas pelos brasileiros Otávio Donasci e Eder Santos, o norte-americano Stephen Vitiello e o espanhol Anton Reixa— e 12 videoinstalações, que incluem trabalhos da norte-americana Rita Myers e do francês Robert Cahen.

O festival terá ainda uma retrospectiva da obra do documentarista belga Rob Rombout, conferências, um telejornal "in progress" (o Videojornal), e 27 convidados internacionais, entre artistas e curadores.

10º Videobrasil. Sesc Pompéia. R. Clélia, 93. Lapa, zona oeste. Tel. 864-8544. Centro Cultural São Paulo. R. Vergueiro, 1.000. Paraíso, zona sul. Tel. 277-3611. De hoje (domingo, 20) a 25 (sexta).

O Dia. Teresina, 15/11/1994.



Marcelo Tass apresenta sua Casa dos Monstros

Videobrasil agora é Festival Internacional

A 10ª edição do mais importante festival de vídeo da América do Sul ganhou aposto novo. Agora o Videobrasil é também Festival Internacional de Arte Eletrônica, dando mais força aos suportes eletrônicos que usam o computador como ferramenta. O Festival começa dia 20 e termina dia 25 de novembro, no Sesc Pompéia e Centro Cultural São Paulo, com 37 trabalhos na mostra competitiva. No Rio, acontece a partir do dia 29.

Desde a edição passada, em 92, o Videobrasil fechou convênio com o INA (Instituto Nacional de Audiovisual), do governo francês, para estabelecer um prêmio à produção experimental em computer arts. Este ano concorrem oito trabalhos. "Muita gente manda vinhetas e trabalhos comerciais, mas a proposta não é essa. Queremos incentivar a criação experimental neste segmento", afirma Solange Farkas, curadora da Mostra. Quem ganhar vai para a França realizar o próximo projeto, com estadia, passagem e produção pagos pelo INA. Faz parte ainda do convênio a exibição de cerca de 16 horas de trabalhos do último Imagina, festival realizado em Monte Carlo. Um dos principais artistas do setor é o inglês George Snow, que trará sua instalação Motorway para o Sesc. Dentro de uma sala de 90 M2, ele vai montar um cinema de 360, usando uma tela de material translúcido, circular, para onde estarão apontados quatro projetores. O resultado, para quem estiver sentado em um dos quatro confortáveis assentos de uma antiga Mercedes colocadas no centro, é literalmente uma viagem virtual. As imagens se fundem formando uma só imensa janela, onde passarão cenas comuns registradas em anos de estrada por Snow. Depois, ele as editou e mixou com ícones construídos em estações gráficas, criando um mundo de fantasia.

Já a artista americana Rita Myers mistura laserdisc, cenários, um ator nu e monitoes de videowatchman, usados em aplicações médicas, em sua instalação Resurrection Body. Em uma cama imensa, ficará deitado o ator, todo ligado a fiações, e sobre ele, uma macieira suspensa. Sobre a cama ao lado, menor e vazia, estará a representação da árvore feita com as câmeras. As telinhas vão transmitir ora as imagens do biofeedback do ator (com medição da temperatura e pulsação), ora cenas arquivadas no laserdisc, com fotos da família da artista.

Jornal da Tarde. São Paulo, 19/11/1994.

Uma grande farra eletrônica

NOS SEIS DIAS DO VIDEOBRASIL, CUJA DÉCIMA EDIÇÃO COMEÇA AMANHÃ NO SESC POMPÉIA

Tecnologia e poesia juntam-se no 10º Videobrasil (Festival Internacional de Arte Eletrônica), que acontece de amanhã a 25 de novembro no Sesc Pompéia e estréia no Rio, dia 29, na Fundição Progresso e Casa da Gávea.

O festival agora valoriza a sensibilidade. "O mais importante na seleção dos trabalhos foi a qualidade artística, não a precisão técnica", diz Solange Farkas, a curadora da mostra. Mas os avanços eletrônicos também ganharam um belo espaço, não apenas na sofisticação das performances, como também na premiação de trabalhos experimentais em **computer arts** — na qual concorrem oito trabalhos, pelo prêmio Futuris do Instituto Nacional de Audiovisual, do governo francês.

A grande mostra competitiva, a principal do festival, conta com 37 trabalhos (inscreveram-se 239), "todos de muito bom nível", segundo Solange. Toda a programação, porém, está voltada para a visão poética de quem mexe com suportes tecnicamente elaborados. Para poesia, por exemplo, é a instalação do francês Robert Cahen, um dos pioneiros na linguagem eletrônica. Talvez por já dominar a técnica, Cahen busca, neste momento, a singeleza. Criou, especialmente para este Videobrasil, **Le Souffle Du Temps**, que consiste num círculo de vela no chão, filmado por uma câmera instalada no teto, que gira em torno de si mesma. Atrás, monitores mostram as imagens das velas e, tal qual um enfeite natalino, acendem e apagam em intervalos. Quem observa, sente-se como uma criança diante do bolo de aniversário. Cahen é elegante, atencioso e está adorando participar do festival. "Os convidados têm ótimos trabalhos, como Jaap de Jonge", diz.

Visão poética

EM SUPORTES ELABORADOS

O francês Cahen, de "Le Souffle du Temps": instalação é pura poesia.

O holandês De Jonge, do vídeo "Terminal": máquinas e corpos.

Solange Farkas, a curadora.

"El Gran Video Cantante", videocriatura de Otávio Donasci.

"Terminal I", de De Jonge.

Jaap De Jonge, holandês, trouxe apenas parte de uma grande instalação, construída em três partes e chamada de **Terminal I, Terminal II** e **Terminal III**. "Ficava caro demais transportar tudo e então optei pelo **Terminal II**, que melhor sintetiza o trabalho", conta De Jonge. Acabou batizada de **Terminal IV**, já que é uma variação. Trata-se de uma estrutura de andaimes, com um tubo de alumínio dentro, com monitores de vídeo. Em cima, o espectador vê fotos de jornais do conflito em Sarajevo; em cada lado do tubo, imagens em raio-X de três músicos tocando (trompete, bateria e violino). Seus outros trabalhos, que ele mostra em vídeo para dar uma idéia de como concebe arte, misturam, com boa dose de ironia, máquinas e corpos humanos.

A maioria das instalações quer mesmo mexer com o público, como **The Shape of Pain**, de Breda Beban e Hrjove Horvatic, nascidos na antiga Iugoslávia e hoje vivendo em Londres, ou **Resurrection Body**, da norte-americana Rita Myers, também querem provocar. **The Shape of Pain** ocorre num quarto escuro onde o chão está forrado de cacos de vidro. Um projetor no teto projeta uma mão aberta no chão, cortada por uma lâmina na linha da vida, e cujo sangue se espalha pelo vidro moído, assim que se interrompe a trilha sonora.

Ressurreição Body exibe um ator nu, ao vivo. Deitado numa cama gigantesca e coberto por cacos, fica ligado a fiações e, sobre ele, há uma ressonância suspensa. Ao lado, uma cama menor e vazia, sobre a qual estará a representação da árvore feita com as câmeras. As telinhas alternam a transmissão do biofeedback do ator e imagens da família da artista, em laserdisc.

Bom humor

EM OBRAS INTERATIVAS

Há ainda os trabalhos interativos, como o bem-humorado **85 Motorway**, no qual o inglês George Snow colocou imagens de estradas, processadas num computador, espalhadas por várias telas. O público senta num Mercedes e assiste à projeção, uma espécie de viagem virtual. Mais divertido, só a **Casa dos Monstros** do brasileiro Marcelo Tas, versão eletrônica daquelas salas de espelhos de parque de diversões. Mas tem muito para ver em cinco dias de festival: performances, retrospectivas, conferências. Otávio Donasci, autor de videocriaturas, inventou variações, como o Videocípteros, cuja base é um helicóptero que sobrevoa o Sesc Pompéia, e o Videomoita, um boneco inflável que ficará no alto do prédio do Sesc. No encerramento, a grande performance **Postcatástrofemus**, inspirada numa viagem de metrô.

Cristina Ramalho

Videobrasil Festival Internacional de Arte Eletrônica — de 20 a 25 de novembro, no Sesc Pompéia (r. Clélia, 93, tel. 864-0344) e Centro Cultural São Paulo (r. Vergueiro, 1000).

Folha de S. Paulo. São Paulo, 17/08/1994.

Festival Videobrasil dará prêmio a computer arts

Free-lance para a Folha

O 10º Festival Internacional Videobrasil, que acontece dia 20 de novembro, em São Paulo, reserva seu melhor prêmio para os autores de vídeos criados no computador.

O vencedor ganhará uma viagem à França com passagem e estadia para produzir um computer art no INA (Instituto Nacional de Audiovisual).

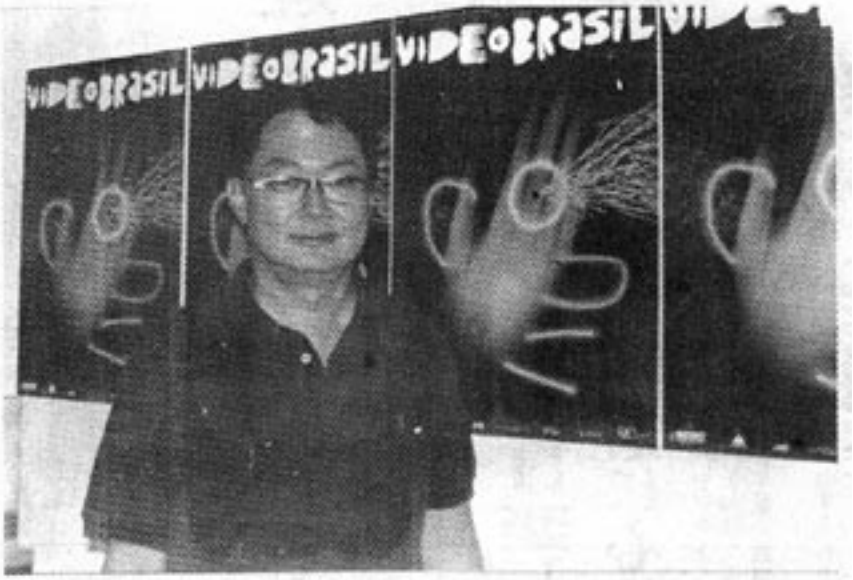
O INA responde por uma das maiores mostras de computer arts do mundo. O vencedor do Videobrasil estará automaticamente inscrito para mostrar o trabalho feito no INA.

As inscrições para o Videobrasil já estão abertas e são gratuitas —tel. (011) 864-7969.

Jornal Paulista. São Paulo, 18/11/1994.

"Separados ao Nascer"

Bruce Yonemoto mostra imigração japonesa no Videobrasil



Um dos profissionais mais criativos na videoarte mundial, o americano Bruce Yonemoto concorrerá no Videobrasil com uma instalação sobre a imigração japonesa. "Separated at Birth" (Separados ao Nascer), de 20 a 25 deste mês no Sesc-Pompéia, focaliza a epopéia dos japoneses e seus descendentes no Brasil e nos Estados Unidos e o preconceito sofrido pelos imigrantes nesses países.

O nipo-americano passou os últimos seis meses no Brasil para finalizar o Separados ao Nascer. "Consegui cerca de 10 horas de gravações de Hikoma Ujihara, Eiti Yuri e um certo Takatori, que acabei transformando em 60 minutos", conta o videoartista.

A obra de Bruce corresponde a uma grande taça de saquê de 1,60m de aresta, preta por fora e vermelha por dentro. A pessoa que entrar nessa pequena sala se deparará com quatro monitores. Simultaneamente serão exibidos imagens de imigrantes japoneses no Brasil em um monitor, imigrantes nos EUA no outro, a série de tevê National Kid e no último um seriado japonês de muito sucesso atualmente nos EUA, o Power Rangers.

"Eu sinto que a relação entre nikkeis e japoneses cada vez se distancia mais e juntar os primeiros anos das duas imigrações seria manter unida essa ligação com o Japão. Entretanto todos sabem que isso é utopia. Não dá para acreditar nisso em num estado sóbrio. É para isso que serve o saquê", explica Yonemoto.

Os monitores dos imigrantes ficam em um lado da sala, no outro estão os monitores com os seriados de tevê japoneses, nos quais é simbolizado o preconceito ao japonês. O Power Rangers é exibido nos Estados Unidos com uma remontagem. As imagens dos atores japoneses são cortados e incluídos atores americanos no lugar. O original é mantido somente quando os heróis estão mascarados. "Esse é o orgulho e o preconceito americano. Isso não acontece no Brasil. A imagem dos japoneses já está embutido na memória nos brasileiros, que não estranham os orientais e por isso não há necessidade de corte", compara o artista.

As imagens da imigração japonesa que mais chamou a atenção de Yonemoto foram de um campeonato de sumô na década de 40. "Esse tipo de manifestação cultural não acontecia lá. Os imigrantes eram bastante hostilizados nos Estados Unidos, por causa da guerra. É por isso que a herança cultural japonesa no Brasil é mais forte do que no meu país", aponta o nikkei.

Oscar da Videoarte

Bruce Yonemoto é filho de uma professora de língua japonesa, que sempre foi bastante apegada à cultura oriental. Entretanto o artista americano se interessou pelos imigrantes japoneses de uma forma inusitada. "Era uma época em que cresciam movimentos alternativos, como o hippie e o black power. Percebi que meus ancestrais também constituíam uma minoria brigando por um espaço. Resolvi dar mais atenção aos imigrantes e falar deles", relata ele.

Atualmente, Bruce possui uma vídeo produtora, a Kyodai, que mantém juntamente com o irmão Norman. O artista plástico sansei ganhou o prêmio Maya Deren da The American Film Institute, considerado o Oscar da videoarte.

O 10º Festival Internacional Videobrasil faz parte do circuito mundial, entretanto é mais valorizada fora do Brasil. Além das videoinstalações como o de Bruce, são expostas retrospectivas, performances, vídeos amadores e conferências.

"Por aqui já passaram artistas como John Cage (precursor do movimento concretista), Kathy Rae Huffman (diretora do Museu de Arte Contemporânea de Boston), entre outros. Esperamos um público muito maior do que no ano passado, que foi de 30 mil", afirmou Solange Farkas, diretora do festival.

O Videobrasil acontece entre os dias 20 a 25 no Sesc-Pompéia, rua Clélia 93. Maiores informações sobre o programa podem ser obtidos pelo tel: 864-8544.

Jornal da Tarde. São Paulo, 15/11/1994.

TAS REVELA O MONSTRO QUE HÁ EM VOCÊ

Na instalação Casa dos Monstros, no Videobrasil.

Marcelo Tas vai dar áres de parquinho ao Sesc Pompéia durante o próximo Videobrasil (entre 20 e 25 de novembro). A *Casa dos Monstros*, a segunda incursão feita pelo ator, jornalista e videomaker no terreno das vídeo-instalações, é a versão eletrônica da Sala dos Espelhos, em que os visitantes passeiam por corredores cheios de espelhos que deformam a imagem, deixando a gente mais gordo, muito magro, baixinho ou gigante.

Dentro do espaço destinado ao trabalho de Tas, estarão posicionadas câmeras, seis monitores e um telão. Ao entrar na sala, o visitante vai se deparar com este "monstro que tanto mete medo no ser humano: ele mesmo", segundo o videomaker.

A *Casa dos Monstros* envolve uma aplicação inédita para o sistema VideoMachine, pacote com softwares e placa que transforma um PC em uma verdadeira ilha de edição. Normalmente, é utilizada para editar vídeo de várias bitolas. Tas quis usá-la para criar efeitos especiais em tempo real. O processo é razoavelmente simples: as câmeras captam a imagem de quem entra e, em tempo real, a máquina a distorce e exibe o resultado "monstruoso" nos monitores.

"Preparamos três monstrinhos no software da VideoMachine e há ainda algumas surpresas. Vai ser divertido", avisa Tas. Um está programado para fazer uma criatura de corpo inteiro, outro em plano americano e um terceiro vai detalhar, em close-up, o rosto da figura assombrosa.

Daniela Camargo/AE

Ensaio para o monstro de Tas

Com a *Casa*, Marcelo Tas reforça a tendência de se voltar para um trabalho destinado ao público infanto-juvenil, iniciado há três anos com a participação nos dois programas *Rá-Tim-Bum*. Vai ser uma boa pausa para adultos e crianças depois da maratona de instalações e vídeos "cabeça" exibidos no Videobrasil. **(J.E.)** ●

Diário de Notícias. São Paulo, 11/11/1994.

A Studio Tesis será produtora oficial do 10º Videobrasil

A Studio Tesis será uma das responsáveis pela vinheta de abertura do 10º Videobrasil que acontece na cidade a partir do dia 20 de novembro, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

O 10º Videobrasil, que é um festival internacional desde 1989, conta com a participação e a visita, de produtores, artistas e técnicos de várias partes do mundo, entre outros.

A Studio Tesis será a produtora oficial deste grande festival, estando a seu cargo também a produção do Videojornal, que será veiculado diariamente durante todo o festival com os acontecimentos do dia anterior e os que estão para ocorrer durante o dia.

A grande novidade é que o espaço destinado a Studio Tesis no 10º Videobrasil será aberto ao público que poderá acompanhar a criação e produção do jornal, e ainda fazer perguntas aos produtores que estarão prontos a respondê-las a qualquer momento.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 12/11/1994.

Rita Meyers une morte e alta tecnologia

A artista americana monta a instalação 'Resurrection Body' no 10º Videobrasil

ENIOS PAJANO

Na terça-feira chega a São Paulo uma das estrelas do 10º Festival Videobrasil, que vai acontecer entre os dias 20 e 25. É a artista plástica americana Rita Meyers, que vem para montar sua instalação *Resurrection Body*. Estudiosa por formação e performática por influência do ambiente nova-iorquino dos anos 70, Rita, de 47 anos, começou a trabalhar com vídeo em 1973, por sentir-se limitada pelas dimensões do espaço (na escultura) e pelos recursos do corpo humano (na performance). Especializou-se na relação da arte com as novas tecnologias, e tem uma concorrida agenda de palestras e cursos sobre o assunto. A instalação que vem para o Videobrasil utiliza um modelo vivo — um homem nu — que a direção do festival garante já ter contratado. De Nova York ela falou ao *Caderno 2*.

Caderno 2 — Quando você começou a trabalhar com videoinstalação, nos anos 70, não havia muita gente mexendo com esta mídia.

Rita Meyers — Na verdade eu tinha visto uma ou duas fitas com registros de trabalhos. Me interessei imediatamente porque a escultura e a performance tinham ficado muito chatas. Vi que trabalhar com narrativa e ficção daria um caráter mais emocional às obras.

Caderno 2 — Quais são as fontes de seu trabalho?

Rita — No começo dos anos 80 passei a me interessar por ficção científica, especialmente histórias de reconstrução do mundo depois do Holocausto. Aí fui pesquisar mitologia e lendas antigas, sonhos, textos e tipos diferentes de estados espirituais. Eu sempre estou buscando relações entre essas narrativas.

Caderno 2 — "Resurrection Body" faz parte dessa pesquisa?

Rita — De certa forma. Há muito tempo eu vi uma imagem, em um quadro renascentista, em que havia uma ruadona deitada e, sobre seu corpo, erguia-se uma árvore, e seta Cristo crucificado. Aquela imagem me marcou. Depois, revi a mesma imagem em um livro de alquimia, e percebi que era uma imagem arquetípica. Quando meu pai morreu, em 1983, resolvi trabalhar minhas lembranças com essa imagem.

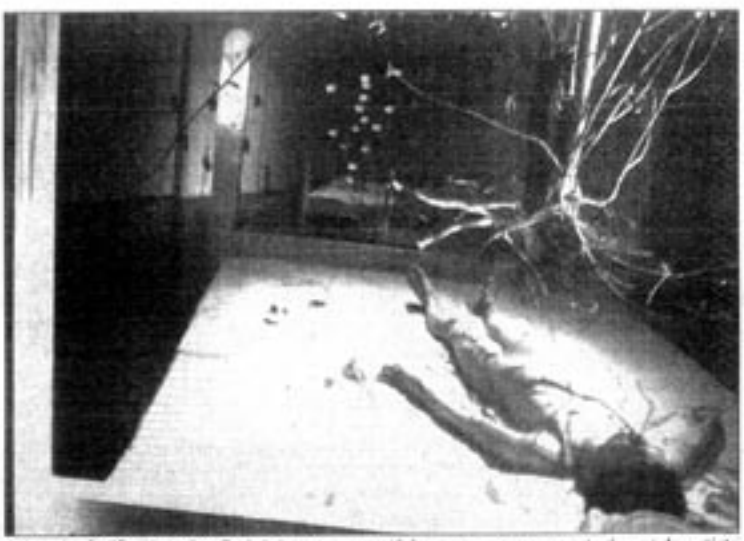
Caderno 2 — A instalação exige um modelo vivo. Por quê?

Rita — O performer está ligado a uma máquina de eletrocardiograma, que por sua vez está conectada a 14 monitores de vídeo, arranjados como uma árvore. Os monitores mostram fotografias da minha família. Cada vez que o performer tem uma mudança nos seus batimentos cardíacos, as fotografias mudam.

Caderno 2 — É como se a emoção dependesse da tecnologia...

Rita — Ou como se um estado espiritual só pudesse ser reconstruído através da tecnologia. No caso, duas situações também arquetípicas — os momentos que visitam o agonizante, ou a pessoa que repassa toda a sua vida quando vai morrer.

OBRA DA RENASCENÇA INSPIROU PESQUISA



A instalação 'Resurrection Body': imagem arquetípica para encarar a morte do pai da artista

Folha de S. Paulo. São Paulo, 09/11/1994.

Poesia e instalações dominam 10º Videobrasil

AMIR LABAKI
Da Equipe de Articulistas

Rebatizado de Festival Internacional de Arte Eletrônica, o Videobrasil comemora sua décima edição, entre os próximos dias 20 e 25, pesquisando o que há para além do videoarte.

O mais tradicional festival de vídeo brasileiro, nesta busca, aposta nas performances (quatro) e videoinstalações (12) e reformula sua mostra e competição, planejando seus 11 programas a partir de um tema comum: a poesia.

"O objetivo é olhar um pouco para a frente e ver como a arte eletrônica está caminhando", explica a curadora Solange Farkas.

Sua tese é assim resumida: "Fazer a exibição já não corresponde ao movimento da videoarte. Videoinstalações e performances são as expressões mais significativas hoje".

O 10º Videobrasil sublinha, portanto, a arte eletrônica que transcende a tradicional obra para ver-se em monitor. Destaca a videoprodução que supera aquelas [illegible] e [illegible] o mundo.

Esta da tese da 22ª Bienal de São Paulo, sobre a superação da tela e a exploração de novos suportes, certamente não mais que coincidência. É [illegible] mesmo.

Diversos obras tentam provar a tese de Farkas. O espanhol Antoni Reina, o americano Stephen Vitiello e os brasileiros Éder Santos e Otávio Donasci animam as performances.

Em "Bingo Bongo", Reina casa vídeo e poesia galega. "Drivers By Birds", de Vitiello, [illegible] parte dos videastas Marcello Braga, Seoungho Cho e Tony Oursler. Donasci dá à luz três videocriaturas, a videomorta, o videoolipaenu e o videobrasileiro.

Encerrando o festival, "Franzidescente" forja uma espécie de ópera-vídeo em torno da viagem de um [illegible], em uma criação conjunta de Éder Santos e do compositor Paulo Santos (Uakti).

O setor de videoinstalações promete ser ainda mais forte. Traz artistas renomados como o francês Robert Cahen, o espanhol José Antonio Hergueta e os americanos Bruce Nauman e Rita Myers.

As três instalações brasileiras, de Marcelo Tas, Carlos Nader e Giselle Beiguelman, prometem-se marcantes. Tas relembra a velha "sala de espelhos" dos parques de diversão. Nader trabalha o tempo e o verso. A mídia e a morte são os temas de "Ações Reflexas", de Beiguelman.

Farkas afirma ter procurado ser "didática" em sua seleção de trabalhos, expondo representantes das três principais tendências atuais da videoinstalação.

Há a videoescultura, representada pelo alemão Dieter Kiessling, a videoambientação, como na obra de Myers e na do inglês George Snow, e as instalações performáticas, como a de Tas.

Onze programas tentam por seu lado provar que videoarte não é coisa do passado. O achado do festival deste ano é eleger um tema pertinente, o da pesquisa poética nas artes eletrônicas, para criar um elo claro para as exibições.

A origem do tema foi a presença no Brasil do italiano Gianni Toti, durante o Videobrasil-92 e o Minimo-93. Seu trabalho com vídeo poesia frisou a necessidade de pesquisar esse campo.

Sete programas especiais inventariam a poesia audiovisual na França, Inglaterra, EUA, Alemanha, Espanha, América Latina e na obra de Jean-Luc Godard.

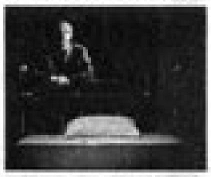
A competição entre realizadores do Hemisfério Sul selecionou seus 37 participantes tendo por primeiro critério a pesquisa poética.

O 10º Videobrasil acontece em São Paulo no Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo entre 20 e 25 deste mês. De 29 de novembro a 4 de dezembro, será a vez do Rio, na Fundação Progresso e na Casa de Gávea.

Cena de 'Inferno', do brasileiro Arthur Omar, em competição no 10º Videobrasil, que será realizado entre os dias 20 e 25

VÍDEOS EM COMPETIÇÃO NO 10º VIDEOBRASIL

- [illegible] — Vicente Carelli (33') – Brasil
- [illegible] — Carlos Trilnick (17'40) – Argentina
- [illegible] — Eduardo El Kobbi (5') – Brasil
- [illegible] — Gabriel Nuñez/Pablo Rodríguez Jáuregui (3') – Argentina
- [illegible] — Marcos Jorge (1') – Brasil/Itália
- [illegible] — Rogério Nakagawa/Anna Flávia Dias/Adriana Franco (3'40) – Brasil
- [illegible] — Diane Café/Lucas Bambozzi (30') – Brasil
- [illegible] — Renaco Barbieri (13') – Brasil
- [illegible] — Sabrina Farji/Carlos Trilnick (18') – Argentina
- [illegible] — Ivan Cardoso (1'40) – Brasil
- [illegible] — Roberto Berliner (30') – Brasil
- [illegible] — Regina Vater (27') – Brasil/EUA
- [illegible] — Sandra Kogut (37'30) – Brasil
- [illegible] — Pablo Rodríguez Jáuregui (8') – Argentina
- [illegible] — Marcelo Braga (12') – Brasil
- [illegible] — Diego M. Lascano (3'40) – Argentina
- [illegible] — Flávio Ribeiro (7') – Brasil/EUA
- [illegible] — Arthur Omar (47') – Brasil
- [illegible] — Éder Santos (16'42) – Brasil
- [illegible] — Carmen Bobe (7'13) – Chile
- [illegible] — Sabrina Farji (17') – Argentina
- [illegible] — Florida Peskovic (6') – Austrália
- [illegible] — Guillermo Casanova (5') – Uruguai
- [illegible] — Daniela Capelato/Monica Vendramini (2') – Brasil
- [illegible] — Lucival Pereira/Fábio Almeida (6'13) – Brasil
- [illegible] — Eduardo Climachauska/Luiz Augusto Araújo (2'22) – Brasil
- [illegible] — Caio Ciaunda/Kiko Moorongo (8') – Brasil
- [illegible] — Paulo Weissbach (3'23) – Brasil
- [illegible] — Sérgio Bloch (9') – Brasil/França
- [illegible] — Mario Hardino (4'40) – Argentina
- [illegible] — Diego M. Lascano (5'40) – Argentina
- [illegible] — Duda Leite/Gisela Mathias (14') – Brasil
- [illegible] — Kiko Martins Dias (50') – Brasil
- [illegible] — Mauro Giuntini (9') – Brasil
- [illegible] — Kiko Goifman (16') – Brasil
- [illegible] — Marcello Dantas/Carlos Nader (36') – Brasil
- [illegible] — Guillermo Casanova (11') – Uruguai



Cenas de "Território do Invisível" (acima), de Marcello Dantas e Carlos Nader, e "Fuck the Pope", de Flávio Ribeiro (abaixo), que competem no Festival Internacional de Arte Eletrônica

"Serial Clubber Killer", dirigido por Duda Leite e Gisela Mathias, está no Videobrasil

Robert Cahen busca olhar da infância

BERNARDO CARVALHO
Da Reportagem Local

Robert Cahen, 49, é um dos mais célebres pioneiros da videoarte na França. "Estamos num momento como o dos pioneiros do cinema. Fazemos experimentações com meios técnicos muito desenvolvidos, mas que não trazem nada de novo. É a imaginação dos autores que vai nos apontar o caminho para uma nova cinematografia", diz.

Cahen procura uma nova cinematografia. Seus vídeos, como "Hong Kong Song" ou "La Notte delle Bugie", já apresentados no Brasil, criam uma nova narrativa por vestígios, usando detalhes e impressões como centro da "ficção", criando um clima onírico, uma atmosfera infantil.

Sua série de "Cartões Postais", imagens fixas que ganham movimento por um rápido instante, também lidam com um universo infantil. É com o olhar da infância que o videomaker francês procura reencontrar o espanto e a mágica das imagens.

Cahen vem a São Paulo para o 10º Videobrasil, que começa no dia 20. É um dos destaques do festival —que conta com a presença de 27 artistas internacionais— com a instalação "Le Souffle du Temps" (O Sopro do Tempo).

*

Folha - Como é a instalação que você vai mostrar no Videobrasil?

Robert Cahen - Chama-se "Le Souffle du Temps". Trata evidentemente do tempo. Um tempo que alterna entre o momento em que tudo pára e o momento em que tudo recomeça.

Pensei numa coisa um pouco mágica: quando sopramos as velas do bolo de aniversário de crianças tudo o que ilumina a festa se apaga. Freqüentemente, as pessoas acendem de novo o bolo. Nessa instalação, trabalho o lado mágico da evolução da luz e de sua reanimação. Não há conceito por trás, mas a idéia de que as coisas podem parar, ser contadas de repente, e que a luz retorna.

Folha - Você trabalha com a imagem ao vivo e a imagem substituindo o real, simultaneamente, confrontando as duas.

Cahen - Há a confrontação de imagens filmadas ao vivo das velas, que formam um círculo e não se apagam nunca. É uma espécie de fogo primitivo, um círculo de luz. Por trás, há os televisores, que são como as velas de um bolo, que se acendem e se apagam.

Folha - Quando você confronta esses dois tipos de imagens, pensa apenas em criar uma atmosfera ou tem um conceito mais preciso em mente?

Cahen - Objetivamente, tento evocar impressões e emoções, como venho fazendo já em meu trabalho em fitas de vídeo. É a criação de um espaço impressionante. A idéia por trás dessa instalação, por exemplo, é refletir sobre o que quer dizer quando alguma coisa se apaga. O que quer dizer quando apagamos um televisor, já que as emissões continuam sendo feitas. A televisão prossegue mesmo quando a apagamos.

Folha - Você trabalha raramente com instalações. Por quê?

Cahen - Esta é a segunda que faço. A razão é simples. Sou muito ligado ao que aprendi com o cinema: criar um mundo onde há uma história. Não faço cinema, mas vídeo, porque a minha maneira de contar histórias não é normal ou tradicional. Não há começo, meio e fim.

Minha maneira é impressionista. É uma forma de jogar com as cores, com as camadas, para recriar a realidade e permitir ao espectador se projetar na história, contar sua própria história. É a transformação da ficção tradicional em uma ficção que cada um transporta em si mesmo.

O videomaker Robert Cahen

Folha - Por que você quis criar uma nova ficção, que é apenas um vestígio de narrativa, cujo centro são os detalhes?

Cahen - Sou compositor. Fazia música concreta, objetos sonoros trabalhados em fita, com cortes, colagens etc. Quando comecei a fazer cinema, tive mais acesso ao material de vídeo. Percebi que tinha muito mais dificuldade de contar uma história de forma lógica do que me deixar levar por minhas impressões mais fortes e tentar retransmitir essas impressões de uma forma mais universal, que pudesse chegar a todos.

Folha - Por que você passou da música à imagem?

Cahen - A música é algo muito difícil. A certo momento, depois de ter composto obras e feito concertos, me dei conta de que não conhecia suficientemente a escrita musical, a harmonia, e que devia voltar ao conservatório para completar minha formação com música eletroacústica. Não tive coragem de encarar essa escola. Sempre fui atraído pela imagem.

A passagem foi simples. Mas para mim o meio de expressão não é o essencial. Se eu fizesse cinema, seria um cineasta experimental. Se fosse pintor, falaria das mesmas coisas. Trabalho há 20 anos com vídeo e acho que devo continuar aí. Você faz certas descobertas com a experiência. E, depois, não sou polivalente: não posso fazer tudo ao mesmo tempo.

Folha - Você teve alguma grande influência?

Cahen - É claro que sim. Fui muito influenciado por Hitchcock a certa altura. Justamente querendo saber como funciona o suspense. Também fui muito tocado pelo cinema de Resnais e por Tarkovski, que já trabalhava com o que faço em vídeo, a imagem dentro da imagem, a utilização de reflexos, onde a imagem é múltipla, como em "O Espelho". Ele também tinha personagens e diálogos silenciosos. Trabalho raramente com texto. Sou como um cineasta do cinema mudo. Uso a música para estruturar minha imagem.

Folha - Você parece estar muito interessado em uma idéia do tempo ligado a algo mágico, de lembrança, da infância.

Cahen - Em "La Notte delle Bugie" (A Noite das Velas), me pediram para filmar uma festa em Pisa, quando a cidade fica repleta de velas, e pensei que apenas com o olhar de uma criança ainda podemos ficar maravilhados pela chama de uma vela. Nesse sentido sou ligado à infância. Também reencontro lembranças da infância ao longo de meu trabalho.

Na série dos "Cartões Postais", era a lembrança de uma esperança quando era criança, tinha a esperança de que um dia as fotografias ganhassem vida, que a fotografia de alguém começasse a se mexer e a pouco tomasse o lugar da fotografia. Porque passei minha infância cercado de imagens de desaparecidos. Via as fotografias de crianças e familiares desaparecidos e não compreendia de onde eles vinham. Queria vê-las em movimento.

MADE IN HOLLYWOOD E *ENVIRONMENTAL*, DE BRUCE E NORMAN YONEMOTO.

A GRANDE FESTA DO VÍDEO

Novembro é mês de vídeo independente. Ou de videoarte. Ou... de Videobrasil — Festival Internacional de Arte Eletrônica, considerado o evento mais importante do gênero na América Latina. Em sua décima edição, o festival acontece de 20 a 25 deste mês em São Paulo e do dia 29 de novembro até 4 de dezembro, no Rio. Criado em 1983, vem acompanhando a vertiginosa evolução da imagem eletrônica e hoje o vídeo, que ficou em seu nome, é apenas uma das possibilidades.

O festival reúne artistas e outros profissionais da área vindos de diversos pontos do planeta (veja texto nesta página). Entre estes está Rita Myers, apresentando sua videoinstalação *Resurrection Body*, que pode ser descrita assim: um homem nu, coberto por cinzas, fica deitado numa cama gigantesca. Pendurada sobre a cama, uma árvore toca com suas raízes o centro do corpo do *performer*. Do outro lado, sobre uma cama menor, estão suspensos monitores de vídeo, que formam uma "árvore eletrônica". Sensores cardíacos ligam o corpo do homem a um microcomputador. O ritmo cardíaco de repouso leva às telas imagens de um eletrocardiograma. Quando o ritmo aumenta, um programa escolhe aleatoriamente imagens armazenadas num *video laser disc* para substituir, nos monitores, os gráficos cardíacos.

Há outras oito videoinstalações, inclusive brasileiras, como *A Casa dos Monstros*, de Marcelo Tas: é uma versão eletrônica e interativa das salas de espelhos dos parques de diversão. Robert Cahen traz da França *Le Souffle du Temps*, montagem com um círculo de velas e outro de monitores, que se acendem e apagam. *Motorcity*, do inglês George Snow, coloca o espectador em bancos de automóvel cercados de telas com imagens de estradas processadas por computador. Também da Inglaterra, Breda Beban e Hrvoje Horvatic trazem *The Shape of Pain*, um quarto escuro com o chão cheio de cacos de vidro. Imagens projetadas mostram uma gilete cortando a linha da vida na palma de uma mão. O holandês Jaap de Jonge vai montar três torres com monitores dentro de tubos de alumínio — é o *Terminal 1, 11 em 111*. Dos Estados Unidos, Bruce Yonemoto traz *Separated at Birth*, que coloca lado a lado memórias de nipo-brasileiros e nipo-americanos.

Além das videoinstalações, o festival vai ser palco da Mostra Competitiva do Hemisfério Sul, de mostras informativas, com panoramas da produção da Europa e Estados Unidos, de um workshop sobre a direção de documentários, com Rob Rombout, realizador holandês e professor na Bélgica e em Paris, do I Fórum Internacional de Difusão e Distribuição de Vídeos Experimentais, com a participação de diretores de festivais internacionais e de uma exposição retrospectiva sobre os dez anos de Videobrasil.

No Rio, o 10º Videobrasil vai estar na Fundição Progresso (Rua dos Arcos, 28 ao 42, Lapa) e na Casa da Gávea (Praça Santos Dumont, 116, Gávea); em São Paulo, no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93, Lapa) e no Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1000, Paraíso).

Por Cláudio Kubrusly

PRESENÇAS INTERNACIONAIS

"O FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL É MUITO IMPORTANTE COMO PONTO FOCAL DA PRODUÇÃO DE ARTE ELETRÔNICA DA AMÉRICA LATINA", GARANTE TOM VAN VLIET, DIRETOR DO WIDE VIDEO FESTIVAL E DA DISTRIBUIDORA HOLANDESA HOMÔNIMA, UMA DAS MAIS IMPORTANTES DA EUROPA. ELE ESTÁ ENTRE OS CURADORES QUE PARTICIPARÃO DO FÓRUM E TAMBÉM DO JÚRI. O VIDEOBRASIL PARECE TER MAIS CRÉDITO LÁ FORA DO QUE AQUI.

DO JÚRI DA MOSTRA COMPETITIVA, ONDE MARCELO TAS REPRESENTA O BRASIL, PARTICIPAM TAMBÉM CHRISTINE VAN ASSCHE, DO CENTRE GEORGES POMPIDOU, FRANÇA, MICHAEL MAZIÈRE, DA INGLATERRA, E JORGE LA FERLA, DA ARGENTINA, ENTRE OUTROS.

TAMBÉM NO FÓRUM ESTARÃO CARLOTA ALVAREZ BASSO, RESPONSÁVEL PELO DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL DO MUSEO REINA SOFIA, DA ESPANHA; HERMANN NORING, DIRETOR DO EUROPEAN MEDIA ART FESTIVAL, OSNABRÜCK, ALEMANHA; JEAN MARIE DUHARD, RESPONSÁVEL PELA DIFUSÃO DE VÍDEO NA ÎLE-DE-FRANCE; E STHEPHEN VITIELLO, DIRETOR DA ELETRONIC ARTS INTERMIX, DOS ESTADOS UNIDOS. *(C.K.)*

DIVULGAÇÃO

O Estado São Paulo. São Paulo, 18/08/1994.

Yonemoto investiga Japão imigrante

Artista prepara instalação sobre comunidades nipônicas da Califórnia e de São Paulo

ANGÉLICA DE MORAES

Um dos maiores astros da videoarte americana, Bruce Yonemoto está em São Paulo. Com recursos de uma bolsa da Lyle Wallace Foundation, ele veio realizar uma videoinstalação sobre as semelhanças e diferenças entre as comunidades japonesas da Califórnia e de São Paulo, que pretende apresentar na próxima edição do Vídeo Brasil, em novembro, no Museu da Imagem e do Som (MIS). Aproveitando sua permanência até o final do ano no País, Yonemoto fará também a curadoria de uma mostra de vídeos brasileiros para o Long Beach Museum of Art (Los Angeles, EUA). Um dos primeiros museus multimídia no mundo, foi fundado em 1972 por David Ross, atual curador do Whitney Museum, em Nova York.

A mostra de vídeo organizada por Yonemoto deverá inaugurar em setembro, no MIS. Yonemoto trouxe na mala uma amostragem de sua produção. Realizada em conjunto com o irmão Norman desde a metade dos anos 70, ela soma mais de 14 filmes e vídeos. Foi graças a essa bagagem visual que Bruce ganhou, em 1989, o prêmio Maya Deren da The American Film Institute. Considerado o Oscar do setor, o prêmio foi ganho no ano anterior por Bill Viola.

ELE É CURADOR DE MOSTRA BRASILEIRA NOS EUA

"Califórnia e São Paulo representam as duas maiores comunidades japonesas no mundo fora do Japão", frisa Yonemoto. "Meu trabalho pretende colocar imagens de ambas lado a lado, para aproximações e diferenças". O artista já tem nome para o trabalho: *Separated at Birth* (Separados no Nascer). A instalação, adianta, incluirá dois recipientes de beber saquê gelado e dois monitores de vídeo. Em um deles, imagens do cotidiano da comunidade japonesa nos Estados Unidos, feita em filmes 16 milímetros. O outro monitor exibirá documentação da comunidade japonesa no Brasil. "Quero transferir para o espectador a estranheza e a familiaridade que senti ao ver uma mesma cultura de duas formas diversas".

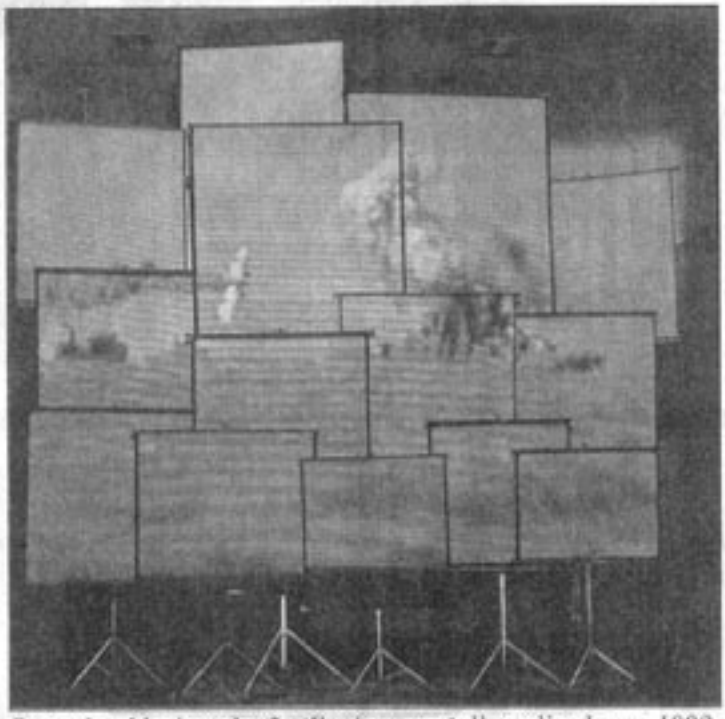
Embora frise que ainda está no início da pesquisa no Brasil, Yonemoto observou que a linguagem falada pelos descendentes nipônicos tanto na Califórnia como em São Paulo "tem palavras antiquadas, que não são mais usadas no Japão". Essa terminologia "estaria mais adequada ao mundo rural de onde vieram seus antepassados do que ao espaço urbano onde moram".

Essa obra, como a maioria dos trabalhos em dupla com o irmão — Bruce é artista plástico e Norman é cineasta — tem muitos elementos autobiográficos. Também autobiográfica é *Environmental* (Paisagem Mental), videoinstalação onde os irmãos tratam de lembranças da infância, nos anos 50, na Califórnia. *Environmental* também se constrói pela oposição de imagens, exibidas em duas telas do tipo usado na época para ver cinema em casa. Uma das telas exibirá comerciais da TV nos anos 50. A outra, imagens de batalhas aéreas entre Japão e EUA, durante a 2ª Guerra Mundial.

"Creio que o maior poder dos Estados Unidos não está no Pentágono (Ministério da Defesa) mas na mídia e especialmente no cinema de Hollywood", diz, irônico. "Há um modo de narrar as coisas criado por Hollywood que influi na produção mundial de TV e vídeo". A maioria dos vídeos da dupla Yonemoto tem 10 minutos. A explicação: "Tudo o que precisa ser dito em um filme pode ser resumido a 10 minutos, o resto é apenas retórica hollywoodiana".

Wilton Mesa/AE

Yonemoto: 'Urbanos, eles falam japonês com vocabulário antiquado, próprio do mundo rural'



Parte da videoinstalação 'Environmental', realizada em 1993

Meio & Mensagem. São Paulo, 24/10/1994.

PRODUÇÃO

Videobrasil abre novos espaços e traz nomes internacionais ao País

Festival irá acontecer em São Paulo e Rio

São Paulo e Rio de Janeiro irão sediar entre novembro e dezembro o 10º Festival Internacional Videobrasil, evento que irá reunir 261 trabalhos. "A mostra já transformou-se num ponto de referência das manifestações e produções da arte eletrônica na América Latina", afirma Solange Farkas, diretora do Festival. A notoriedade do festival conquistou a atenção do Sesc/São Paulo, que responde pela realização e quase totalidade do patrocínio, além de empresas como o Grupo RBS, Fotoptica, Sony e Aliança Francesa, que aparecem como co-patrocinadores do evento. Esta edição consumiu mais de R$ 600 mil, segundo Solange.

Cahen: um dos nomes mais esperados para o evento

Depois da internacionalização, a partir da 8ª edição, o Videobrasil ganha este ano novos espaços para realização. Após a apresentação na capital paulista, entre 20 e 25 de novembro, a mostra segue para o Rio de Janeiro. De 29 de novembro a 4 de dezembro, o público carioca também terá acesso à exposição, que será realizada na Fundação Progresso e Casa da Gávea. Serão apresentados com exclusividade 11 diferentes programas, e estarão presentes 27 personalidades internacionais, entre elas curadores, artistas e técnicos. São cerca de 80 programas inéditos no Brasil, com a presença do cineasta Jean-Luc Godard, diretor de Prénon Carmen, Garry Hill com suas videoinstalações e Jem Cohen, conceituado diretor de videoclipes.

Entre as apresentações de videoinstalações, um dos destaques fica por conta dos ingleses Breda Beban e Hrvoje Horvatic, que apresentam The Shape of Pain, uma tentativa de delimitar o espaço por meio de formas que transformam as emoções. Emoções que afloram como conseqüência de um momento particular na vida e que deixam o ser humano no limite do querer esquecer e ter de lembrar.

Pela primeira vez, a mostra será inspirada em um tema, a poesia. "A poesia é sempre louvável, principalmente quando se fala de eletrônica. Tentamos aliar a poesia à tecnologia", conta. A grande novidade deste ano, no entanto, é a produção de um CD-ROM contendo imagens de trabalhos premiados, videoinstalações e textos em português e inglês sobre os produtores e artistas nacionais e internacionais, além de vinhetas e trilha sonora original.

Mostra competitiva

Além da exposição para visitação do público, o festival reserva aos participantes uma mostra competitiva. Nesta edição, foram inscritos 239 vídeos. Apenas 37 foram selecionados. Durante a escolha, foram consideradas principalmente a abordagem poética, tema do festival, além de qualidade e tratamento de imagens e som.

Na classificação de vídeos enviados por países e Estados, São Paulo apareceu com o maior número de trabalhos inscritos, com 84 vídeos, seguido pelo Rio de Janeiro, que enviou 59. Minas Gerais inscreveu 16 obras, o Paraná 11 e os gaúchos participam com três trabalhos. Do Centro-Oeste chegaram cinco vídeos do Distrito Federal e um do Mato Grosso. Do Nordeste vieram 21 trabalhos, sendo oito do Ceará, quatro da Bahia, dois do Maranhão, dois de Pernambuco e um do Espírito Santo. Os argentinos participam com 29 vídeos, o Chile e o Uruguai com dois.

Premiação

O Prêmio Futuris será entregue ao melhor trabalho realizado por artista da América Latina na categoria Computer Arts. O prêmio consiste num estágio na Ex Machine, na França, com patrocínio do Instituto Nacional do Audiovisual/ Alliance Française. O vencedor do melhor trabalho de vídeo vai receber uma ilha de edição digital Vídeo Machine, oferecida pela X-Plus e Fast Eletronic. O Prêmio Especial fica para a melhor proposta de arte eletrônica realizada em formato amador. O vencedor recebe equipamentos e oportunidades de produção.

Edna Pereira

META PAINEIS
Produtos Qualificados e Projetos Personalizados
Tel.491 4777/Fax.491 4928

Folha de S. Paulo. São Paulo,14/08/1994.

10º Videobrasil
O festival internacional de arte eletrônica acontece no Sesc Pompéia, Centro Cultural São Paulo e Fundição Progresso (Rio), de 20 a 25 de novembro. Este ano, o festival enfoca a "Poesia", com onze programas de vários países da Europa e Américas.

VÍDEO

Mostras trazem poesia, sexo e documentários

Da Redação

Os eventos programados para o segundo semestre buscam exibir trabalhos que ampliem as possibilidades da linguagem videográfica.

Das experimentações da mostra Radical Vídeo, à busca da "videopoesia", tema do 10º Videobrasil, o formato eletrônico prova mais uma vez sua versatilidade, que não depende apenas de tecnologia.

Para quem prefere narrativas mais lineares, a 2ª Mostra Internacional de Video Documentário oferece trabalhos recentes que exploram a linguagem, tornando mais clara e dinâmica a transmissão de informações objetivas.

Seu uso político está explícito no 2º Mix Brasil, festival de cinema e vídeo que enfoca a homossexualidade. Este ano, espera-se atingir um público mais abrangente.

Para tanto, o festival conta com a colaboração de várias instituições internacionais, além do Mix New York, modelo do evento

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 16/08/1994.

EVENTO

Gary Hill vem para o Videobrasil

O videomaker americano é um dos convidados da mostra, que acontece entre 20 e 25 de novembro

As inscrições para a Mostra Competitiva do Hemisfério Sul do *10º Festival Internacional Videobrasil* ficam abertas até 15 de setembro. O festival acontecerá em São Paulo entre 20 e 25 de novembro, no Sesc Pompéia e no Centro Cultural, e no Rio de Janeiro a partir de 29 de novembro.

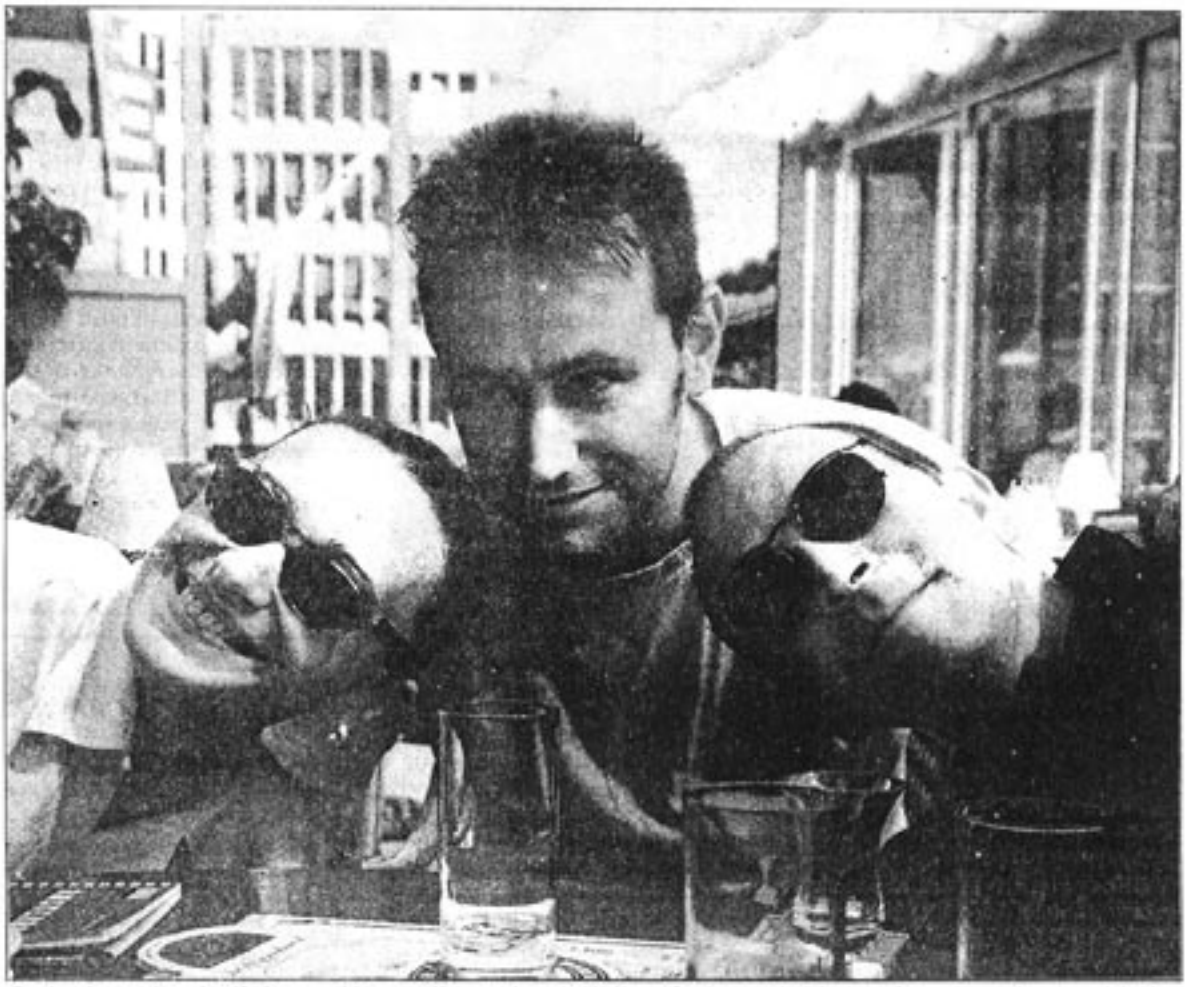
Já estão confirmadas as presenças dos americanos Gary Hill, John Lyndell e Jim Cohen e dos espanhóis Francisco Ruiz de Infante e Anton Reixa. O *Videobrasil* é o mais importante festival de arte eletrônica do País e pretende absorver as inovações tecnológicas que vêm sendo incorporadas à arte. Reúnira mais uma vez obras de acervos de museus como o MOMA de Nova York, o Beaubourg de Paris e o Reina Sofia de Madrid. Artistas brasileiros participarão da programação com um tema único, *Poesia*. Os trabalhos abrangem todos tipos de arte eletrônica — do CD-Rom à videoinstalação, como as da americana Rita Meyers, também previstas para este ano.

Durante o festival acontecerá um fórum sobre o mercado e as perspetivas para este tipo de arte. "A videoarte brasileira é muito mais valorizada fora do País, e o festival faz também este papel de ligação entra a produção brasileira e o mercado exterior", diz Solange Farkas, coordenadora do evento. "É complicado para as galerias brasileiras prestigiareste tipo de arte, mas lá fora ela já faz parte do mercado de artes em geral".

INSCRIÇÕES FICAM ABERTAS ATÉ 15 DE SETEMBRO

Os interessados em se inscrever na Mostra Competitiva devem passar pelo Sesc Pompéia e retirar um folheto com o regulamento e a ficha de inscrição. Podem participar todo o tipo de trabalhos experimentais, amadores ou profissionais.

Os premiados, além de receberem equipamentos, terão seus trabalhos exibidos em museus e galerias de outros estados brasileiros e em museus americanos e europeus que possuem acervos deste tipo de arte. O autor do melhor trabalho em *computer arts* ganhará uma viagem à França e terá o seu próximo trabalho patrocinado pelo Instituto Nacional da Audiovisual da França e pela Aliança Francesa.



Os ingleses Breda Beban e Hjorve Horvatic e o holandês Jaap de Vonge (ao centro): convidados

Jornal da Tarde. São Paulo, 15/11/1994.

VIDEOBRASIL, ELETRÔNICO E DIGITAL

Festival começa dia 20

JÔ ELIAS

A 10ª edição do mais importante festival de vídeo da América do Sul ganhou aposto novo. Agora o Videobrasil é também Festival Internacional de Arte Eletrônica, dando mais força aos suportes eletrônicos que usam o computador como ferramenta. O Festival começa dia 20 e termina dia 25 de novembro, no Sesc Pompéia e Centro Cultural São Paulo, com 37 trabalhos na mostra competitiva. No Rio, acontece a partir do dia 29.

Desde a edição passada, em 92, o Videobrasil fechou convênio com o INA (Instituto Nacional de Audiovisual), do governo francês, para estabelecer um prêmio à produção experimental em *computer arts*. Este ano concorrem oito trabalhos. "Muita gente manda vinhetas e animações comerciais, mas a proposta não é essa. Queremos incentivar a criação experimental neste segmento", afirma Solange Farkas, curadora da mostra. Quem ganhar vai para a França realizar o próximo projeto, com estadia, passagem e produção pagos pelo INA. Faz parte ainda do convênio a exibição de cerca de 16 horas de trabalhos do último Imagina, festival realizado em Monte Carlo.

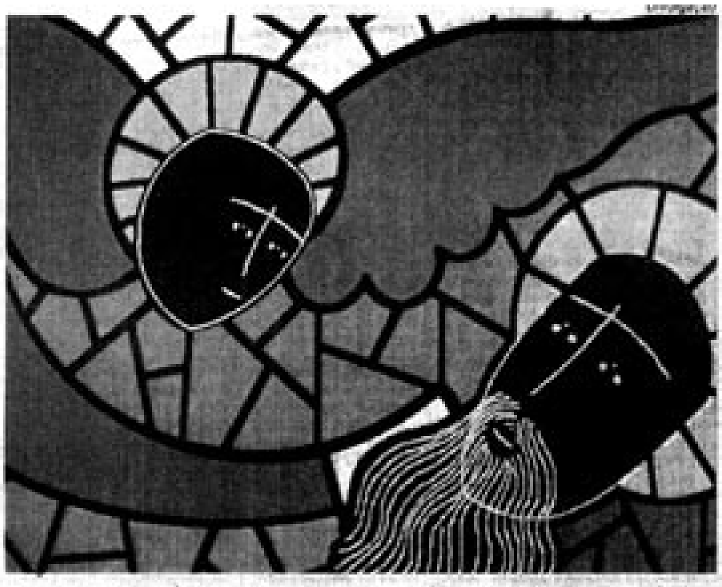
Um dos principais artistas do setor é o inglês George Snow, que trará sua instalação *Motorway* para o Sesc. Dentro de uma sala de 90 m², ele vai montar um cinema de 360°, usando uma tela circular, para onde estarão apontados quatro projetores. O resultado, para quem estiver sentado em um dos quatro assentos de uma antiga Mercedes colocados no meio, é literalmente uma viagem virtual. As imagens se fundem formando uma só imensa janela, onde passarão cenas registradas em anos de estrada por Snow. Depois, ele as editou e mixou com ícones construídos em estações gráficas, criando um mundo de fantasia.

Já a artista americana Rita Myers mistura laserdisc, cenários, um ator nu e monitores de *videoscratchmen*, usados em aplicações médicas, em sua instalação *Resurrection Body*. Em uma cama imensa, ficará deitado o ator, todo ligado a fiações, e sobre ele, uma macieira suspensa. Sobre a cama ao lado, menor e vazia, estará a representação da árvore feita com as câmeras. As telinhas vão transmitir ora as imagens do biofeedback do ator (com medição da temperatura e pulsação), ora cenas arquivadas no laserdisc, com fotos da família da artista.

A instalação é uma homenagem ao pai da artista, morto no ano passado, e remete à tela *O Sonho da Virgem*, de Christoforo Simone dei Crocefissi (século XIV), em que o corpo da Virgem descansa em uma cama e dele se eleva a imagem de uma árvore ressecada. Ter presenciado os últimos momentos de vida do pai a inspirou a colocar as imagens monitoradas dos sentidos vitais do ator, lembrando Bill Viola em alguns de seus vídeos que tratam da essência da vida e da morte.

O 10º Videobrasil será registrado em CD-ROM.

Mais Videobrasil na pág. 5



Trabalho de Michael Gaumnitz, exibido no Imagina e agora no Videobrasil. O artista conta a Bíblia como na Idade Média, por meio de vitrais.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 24/11/1994.

10º VIDEOBRASIL

Robert Cahen faz arte soprando velas

O videomaker francês fala sobre a instalação 'Le Souffle du Temps', que fica em cartaz até amanhã

LUIZ CARLOS MERTEN

Robert Cahen ainda não está habituado a enfrentar os problemas de espaço. É pouco mais que um estreante em matéria de vídeo-instalações. Está mostrando a segunda de sua carreira no 10º Videobrasil, que termina amanhã no Sesc Pompéia. Chama-se *Le Souffle du Temps*. Cahen conta que seu amigo Francisco Ruiz de Infante fez reparos à instalação. O videomaker espanhol que é uma das revelações do festival de vídeo deste ano acha que o ciclo das velas é desenvolvido na instalação de Cahen: ele deveria ter ficado só com os 15 monitores que mostram uma vela cada. Discussões à parte, Cahen está satisfeito com seu trabalho. Houve uma mudança importante em sua vida desde que esteve pela última vez na Cidade, em junho de 1993, para participar do 2º Cinevídeo. Nasceu seu filho Alexandre. Ser pai mudou sua percepção da arte e da vida.

★

Caderno 2 — De que forma a paternidade se manifesta na sua criação?

Robert Cahen — Muda tudo, embora, sob certos aspectos, seja uma mudança tão sutil que a maioria das pessoas nem se dá conta. Muda a minha relação com o tempo. E aumenta a minha sensação de responsabilidade.

Caderno 2 — Justamente o tempo é o elemento fundamental de sua instalação. Como surgiu a idéia para 'Le Souffle du Temps'?

Cahen — Havia feito um vídeo na Itália quando recebi o convite do Videobrasil. O vídeo foi gravado em Pisa. Chama-se *Le Illusioni del Tempo*. Por que se menciona do tempo? Em Pisa eles homenageiam o santo padroeiro da cidade acendendo velas durante uma noite inteira. Gravei as velas. E tive a idéia para a instalação. Em francês, bougie tem outro sentido: é vela. Daí para juntar os significados em francês e italiano. Pense num bolo de aniversário: as velas são a alma da festa. Quando são sopradas, a festa acaba. A instalação joga com as velas reais e com as que aparecem nos monitores de vídeo. A intervalos regulares, ouve-se um ruído, tipo um sopro — na verdade, sou eu que sopro — e algumas das velas se apagam nos monitores. Às vezes, apagam-se todas.

Caderno 2 — E desta maneira você joga com tudo: espaço, tempo e luz.

Cahen — A luz é decisiva na obra de qualquer pessoa que trabalhe com imagem. Quero criar o efeito semelhante àquele que se tem quando se abre a porta e se entra numa festa, um misto de espera, surpresa e emoção. A poesia nasce da ruptura entre o mergulho na sombra e a luz das velas. O espectador se encontra na situação de uma criança que vai soprar as velas do bolo de aniversário.

PRÓXIMO TRABALHO MOSTRARÁ VISÕES DA CHINA

Caderno 2 — Quando veio ao Brasil, no ano passado, você se preparava para ir à China.

Cahen — Fui e filmei muito. Horas e horas de material. A China é uma tentação para o olhar ocidental. Há tanto exotismo. É preciso selecionar muito bem a imagem. Sou um videomaker que deve muito ao cinema. Tudo o que sei aprendi nos filmes. Uso o vídeo para contar histórias de forma não tradicional, sem os clássicos começo e fim. A tentação, diante do material da China, é cair no documentário puro e simples. Estou fazendo a seleção para um programa que terá a duração total de 35 minutos, a ser exibido pela TV francesa. Quero trabalhar blocos de imagens muito rápidas, de forma a criar visões fugidias. É o nome da série.

Caderno 2 — Você continua ligado ao Centro de Produção de Vídeo de Montbéliard?

Cahen — Impossível me desligar. O Centro Internacional de Criação de Vídeo de Montbéliard talvez seja hoje o mais importante do mundo. Já abrigou alguns brasileiros, como Sandra Kogut, cuja obra admiro muito, junto com a de Éder Santos.

Cahen: a experiência de ser pai se reflete na atividade criadora